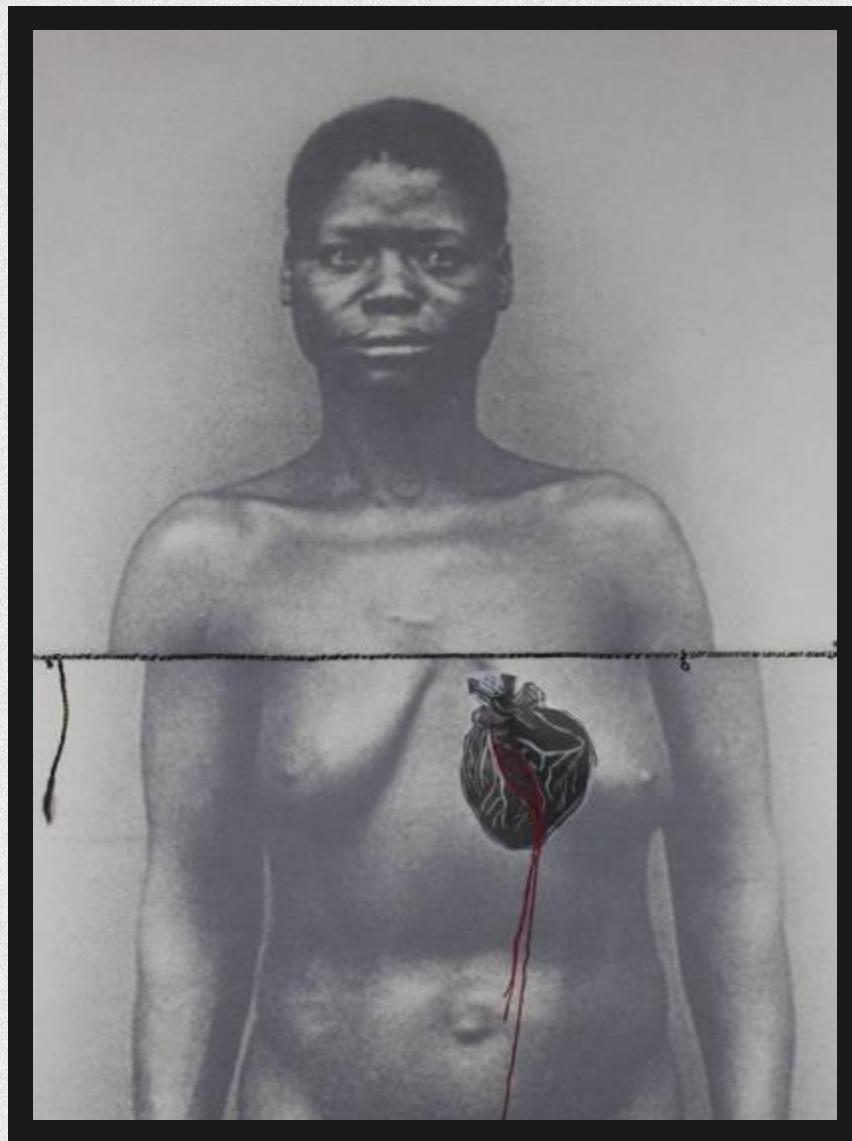

PRETO NOBRE

Ensaio sobre arte e negritude



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes- Campus São Paulo

VICTORIA BISPO RIBEIRO DOS SANTOS

**PRETO NOBRE: Ensaio sobre arte e
negritude**

São Paulo

2021

VICTORIA BISPO RIBEIRO DOS SANTOS

**PRETO NOBRE: Ensaio sobre arte e
negritude**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção dos títulos de Bacharel e Licenciado em Artes Visuais, pelo Curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - Unesp.

Orientadora Profa. Dra.: Rita Luciana Berti Bredariolli

São Paulo
2021

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

Bibliotecária responsável:

Laura M. de Andrade -

CRB/8 8666

S231 Santos, Victoria Bispo Ribeiro dos, 1999-
p Preto nobre : ensaio sobre arte e negritude /
Victoria Bispo Ribeiro dos Santos. - São Paulo,
2022.
72 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rita Luciana Berti
Bredariolli

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Arte. 2. Arte negra. 3. Narrativas pessoais.
4. Tatuagem. 5. Corpo como suporte da arte. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 709.040752

VICTORIA BISPO RIBEIRO DOS SANTOS

**PRETO NOBRE: Ensaio sobre arte e
negritude**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como
requisito parcial para obtenção dos títulos de
Bacharel e Licenciado em Artes Visuais, pelo Curso
de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do
Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista
- Unesp.

Dissertação aprovada em 08/03/2022

Banca Examinadora

Prof. Doutora Rita Luciana Berti Bredariolli

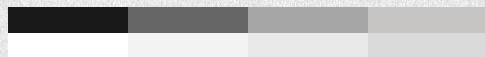
Instituto de Artes (Unesp) - Orientadora

Jaqueline Viana dos Santos - Graduada em Bacharelado e
Licenciatura em Artes Visuais - Instituto de Artes (Unesp)

Laís Matias de Lucena Pedrozo - Graduada em
Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais - Instituto de
Artes (Unesp)

São Paulo

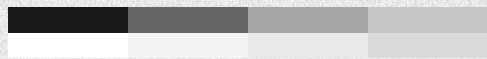
2021



AGRADECIMENTOS

Às tatuadoras incríveis que tive o prazer de conhecer: Dedis, Candylust, Debby, Ivih, Eve e Lari. Ao meu pai, Sebastião, que pavimentou muito caminho para que eu pudesse passar. Às minhas amigas, Camila, Mariana Seragi e Karina, nos quais vivemos juntas os melhores e piores momentos dentro e fora da faculdade. À minha melhor amiga Rebecca, que por mais de 10 anos acompanha todo meu crescimento emocional e racional de perto. Ao Victor, por me mostrar que posso ter defeitos e ainda assim ser amada tranquilamente. Aos artistas negres que me ajudaram a entender toda minha dor mesmo sem saberem da minha existência. À Grada Kilomba, à Evaristo Conceição. E, por fim, à bell hooks, cuja morte ainda faz o ar faltar em meus pulmões.

Obrigada



RESUMO

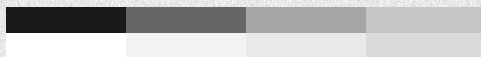
Este trabalho é sobre uma artista-pesquisadora que, através de experiências vividas, construiu uma narrativa autobiográfica desde do início do conhecimento da negritude e do gênero que resultou em educação e tatuagem, suas duas áreas de mais interesse no presente. Busca validar todo seu conhecimento como válido, dentro do ambiente acadêmico e fora dele, e retomar com cuidado cicatrizes externas e internas. Durante a leitura, ter em mente que nenhum processo artístico-didático está completo.

Palavras-chave: negra, mulher, arte, tatuagem, educação

ABSTRACT

This work is about an artist-researcher who, through lived experiences, built an autobiographical narrative from beginning of her knowledge of blackness and gender that resulted in education and tattooing, her two areas of most interest in the present. It seeks to validate all its knowledge as valid, within the academic environment and outside it, and carefully retrieve external and internal scars. When reading, keep in mind that no artistic-didactic process is complete.

Keywords: black, woman, art, tattoo, education





Última foto que tirei ao lado das
minhas obras, dentro da faculdade.
Instituto de Artes, sinto e sentirei sua
falta.

Créditos da foto: Camila Guasco

SUMÁRIO

9 Introdução

PARTE I:

14 **Capítulo 1:** Ser eu mesma é tudo que posso fazer

21 A que ri é a mesma que chora

34 **Capítulo 2:** Família

41 Mãe, mulher e negra

47 Pai, meu guia

50 **Capítulo 3:** Sobre meus trabalhos e minha pesquisa

61 Sobre meu processo

69 **Capítulo 4:** Tatuagem

73 O racismo na tatuagem

81 Campo minado do colorismo

85 E eu não sou uma mulher?

93 A questão do Belo

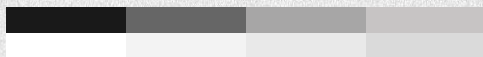
109 Reflexão sobre o amor

Parte II:

113 **Capítulo 5:** Reflexões e hipóteses sobre educação

118 Devaneios sobre educação e tatuagem

126 Planejamento



INTRODUÇÃO

Sempre tive mais facilidade com a criatividade, principalmente na escrita. Desde pequena escrevia meus sonhos em um diário, com 10 anos comecei a ler Harry Potter e com 13 anos comecei a escrever histórias longas em meus cadernos. Porém, escrever essa dissertação foi a coisa mais difícil que já fiz.

Depois que entrei em Artes Visuais, comecei a me expressar através das imagens que eu criava, me aproximando cada vez mais dos pincéis e das tintas. Deixei, de lado, as palavras que utilizava tanto para enxergar minha dor e não demorou para que eu percebesse que o tempo longe da escrita deixou consequências. Pensei muito, apaguei muitos textos e rascunhos e tinha muita dificuldade em me organizar. Eu só sabia que queria falar da minha história, o pouco de história que sei desses 20 e poucos anos, mas não fazia ideia de como começar.

Até que depois de ler Grada Kilomba e Evaristo Conceição, entendo que é possível descrever minha narrativa fora da linguagem acadêmica que, desde que me entendo como estudante, tenho a obrigação de entender. Agora, além de enxergar minha dor, faço uso das palavras para justificar e

Cortei minhas asas,
Vejam minhas cicatrizes
(BACO EXU DO BLUES, Minotauro de
Borges, 2018)



Escada de incêndio,
Instituto de Artes
bolchevicky, 2018

entender de onde ela veio; entender como posso me curar e ser capaz de amar - um cantor que eu gosto muito, conhecido como Baco Exu do Blues, diz na canção *Sinto Tanta Raiva...* "Sinto tanta raiva, que amar parece errado". Ser uma mulher negra é ter um histórico de rejeições, de amores fracassados, de culpa e de isolamento. Ser uma mulher negra é o constante sentimento de que posso contar somente comigo mesma. Mesmo agora, em um momento atual que sinto que deixei todas as minhas dores para trás, minhas cicatrizes ainda doem. *Mas não doem tanto como antes.* Apesar disso, tento manter em mente todo o apoio que tenho e toda relação ba que construí, seja comigo mesma ou com outras pessoas. Sinto orgulho por conseguir me impor, de conseguir falar sobre meus incômodos e sobre minhas paixões. E esta narrativa é sobre isso, sobre descrever o meu caminho desde da minha infância até a idade adulta, sobre minha família e sobre meu espaço no mundo e, por fim, sobre o que eu vi, sobre o que eu ando estudando e sobre como posso fazer a mudança nesse mundo que, apesar de enorme, nem cabe nós mesmos.

PARTE I

1 Ser eu mesma é tudo que eu posso fazer

Não há nenhum momento em minha vida que não lembro de estar produzindo. Quando criança, eu desenhava Bob Esponja e As Meninas Superpoderosas, tentando sempre ser fiel ao traço original. Descobri também nessa época que deixar o pincel na água com tinta, ele estraga e fica insosso, e que não se devia misturar as massinhas pois se perdia as cores. Gostava de brincar de Barbie, e de desenhar roupas femininas em um caderno rosa universitário de 200 folhas, e de jogos online de comida. Havia muitos dias em que acordava cedo para aprender com Art Attack e me lembro também da vez que fiquei extremamente feliz quando ganhei meu estojo de 48 cores de lápis de cor. Pensava no meu futuro e pensava que ia demorar, que talvez eu pudesse ser estilista ou jogadora de basquete - apesar de sempre ter sido pequenina, eu adorava brincar de basquete no quintal da antiga casa do meu pai em Taboão da Serra - e que eu seria completamente incrível como jogadora profissional, mas não era algo que eu pensava muito.

“Passei a acreditar, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências. (...)”
(LORDE, Audre, p.51, 2019)

Então, quando comecei a crescer, foi ficando mais difícil. Minha imaginação fértil e ingênua foi dando espaço para pensamentos não tão positivos, com 12-13 anos comecei retratos imaginários de garotas com semblantes tristes. Me sentia abandonada e isolada.

Aprendi a abraçar a invisibilidade, principalmente por causa da escola e porque passava muito tempo sozinha em casa. No entanto, a partir disso, comecei a criar imagens com caneta nanquim e durante toda a minha adolescência pensava em ser tatuadora, os desenhos em preto e branco me fascinavam, mas ainda na faculdade comecei a me interessar pelas cores e pelos pincéis.

Nesses anos de processo, acabei estabelecendo um canal catalisador para me expressar, só que através da arte. Meus trabalhos se situam no início em desenhos e pinturas em papel canson, intercalando entre as cores vermelho-azul-preto para traduzir minhas vivências. Por conseguinte, entre 2018-2019, transfiro minha poética visual para telas de tamanho médio-grande com a cartela cromática limitada ao vermelho e ao preto e, ao longo do meu desenvolvimento, vou abordando outras variações de cor, co-



Grafite sobre papel sulfite, 2012

bolchevicky



Giz pastel seco sobre
papel canson, 2009

bolchevicky

-mo verde, amarelo e laranja. Acredito que apesar das formas e das cores terem mudado, ainda continuo com a mesma temática principal dos meus trabalhos: solidão, depressão e ansiedade. Neste mesmo período, em paralelo, começo a perceber a existência de um grande número de tatuadores na graduação de Artes Visuais e, finalmente, em março de 2019, começo a fazer planos reais de me tornar uma tatuadora.

Em fevereiro de 2020, o projeto-pesquisa Pretos Nobres nasceu depois de alguns meses de experiência com a tatuagem. Dentro desse projeto executei quatro tatuagens antes da pandemia e irei trazer em relatos transcritos as experiências individuais e coletivas dessas experiências presenciais, além da troca em entrevistas com seis tatuadoras negras brasileiras.



Tatuagem de cão realizada
dentro do projeto Pretos
Nobres, 2020
bolchevicky

“Algo com gosto amargo sobe pela minha garganta, como se fosse reação da sensação de um punho forte apertando meu coração. Talvez seja uma dor, um tipo diferente que eu já senti tantas e tantas vezes, que quase sempre está presente nos meus textos assim como está presente na minha rotina, que é algo complicado todo dia.

Tento me distrair com coisas que gosto e que perdura em mim conforme o tempo passa, mas meus pensamentos mórbidos são incontáveis e incontestáveis demais para serem ignorados, já que todos estão onipresentes na minha mente, me carregando para um suicídio infinito que vai me afundando no precipício do vazio toda vez - um pouquinho de mim morre nos dias que se passam, é normal. Mordo minha língua, meus lábios úmidos, trêmulos compulsivos, minhas unhas arranham minha pele em uma agonia que não cabe, transborda; meus olhos estão embaçados pela água salgada que brota - meu corpo cede pouco a pouco; se submete ao meu "cansaço emocional" que não tem outro nome porque não sei definir de outro jeito. Estou caminhando com os ecos dos meus passos para os meus vinte anos e continuo sempre a mesma, dependendo de outras pessoas, principalmente emocionalmente.

Odeio isso, odeio o fato da realidade pesar tanto em minhas costas que só carregaram alguns anos mas para o meu coração, velho demais devido a quantidade de acidentes que lhe remete às cicatrizes da carne translúcida e sensível do meu pulso, parece que não vou aguentar toda essa incógnita que não me fornece certeza nenhuma. Ah, este corpo que habito parece ter a incomum necessidade de afago, de toque, procurando e querendo se preencher de amor dos outros para continuar vazio com amor próprio - nunca foi aceito, nunca nem por mim. Isso é assustador,

aliás vivo de sustos porque a realidade vem para mim cheia de pequenos detalhes da vida que se tornaram pesados e profundos demais para alguém que, como eu, vê coisas onde não existe cor.

Não sei como vou terminar, se vou me acabar em dor ou em sofrimento, mas eu vou repetir: estou cansada. Os meus tons desbotados de azul e vermelho não me apetece mais e estou aborrecida demais para procurar outras vertentes cromáticas para me representar, porque eu sei que não adianta. Eu sempre vou ser azul. Eu sempre vou ser vermelho. Mas, antes de tudo, se eu estiver em dúvida, eu sempre vou me encontrar no inquestionável violeta.”

(BOLCHEVICKY, 2018)



Escultura presente dentro do cemitério São Paulo, em Pinheiros. 2017, bolchevicky

1.1 A que ri é a mesma que chora

Desde do começo foi assustador me tornar responsável por essa narrativa, porque afirmei em muitos momentos que a poetisa em mim estava morta (espero do fundo do meu coração, tal órgão que simboliza toda a positividade do ser humano, que eu esteja errada), e agora preciso mais do que nunca conseguir recuperar a escritora que habitava em mim há anos atrás.

O ato de narrar, expor por escrito fatos ou acontecimentos pessoais e únicas da minha existência é algo que me deixa em um misto de positividade e negatividade,

mas graças a toda essa bagagem que irei descrever, fui capaz de me fazer reconhecer como a Victoria que a leitura (e escrita) dessa narrativa irá apresentar.

Não consigo estabelecer uma linha racional de quando comecei a sentir essa violência contra este meu corpo - tanto como corpo de mulher, quanto como corpo negro. Jurei para mim diversas vezes que nunca me amaria, me colocando em todos os processos de ir contra esta existência, me machucando cada vez mais e mais. Essa dissertação fala sobre amor, e se eu puder ser mais direta, fala sobre o caminho do amor nos corpos pretos e descrever esse caminho é olhar com mais cuidado no que eu não prestei atenção, e ter a oportunidade de analisar com outros olhos e com o peso agradável da juventude dos 22 na minha cabeça, o que ainda está por vir.

A existência de memória-viva do meu desenvolvimento é escasso, mas sinto uma vontade de relatar, talvez por sentir ainda vivo em meus sentidos e por querer a tentativa de evocar narrativas presas no esquecimento. O peso da dificuldade em amar este corpo preto - a única certeza é do trauma, da verbalização que atinge ao patamar da dor

corporal, que deixa um espaço vazio sentido sobre qualquer identidade ou razão que eu pudesse ter, que só atrapalhou o processo de reconhecimento como mulher negra. Sempre houve um esforço descomunal para me colocar em espaços típicos da mulheridade que o patriarcado branco criou como ideal para as mulheres brancas, e eu por um tempo aceitei essa ordem social sexista, opressora e racista para me definir como a mulher que eu queria ser. Eu sou fruto do racismo, mas também alimentei ele dentro de mim: além de ter vivido essa violência, eu reproduzia essa violência dentro do meu corpo também. Me deparei com muito trabalho a ser feito, era uma bagunça interna gigantesca, anos de acumulação e absorção negativa. Racismo não é algo que se possa apagar e guardar para sempre no passado, algo que se supera de imediato; racismo é uma das bases de controle da estrutura patriarcal que garante a hierarquia do homem branco, então sempre haverá espaços onde ele existirá e nem em todos esses espaços, ele será dominante. Te impede de se expressar, de aceitar que sua existência é válida. É um processo contínuo de olhar para si, de criticar suas ações deixadas no mundo e pensar em uma alternativa comportamental.

Ela quis ser chamada de morena
Que isso camufla o abismo entre si e a humanidade plena
A raiva insufla, pensa nesse esquema
A ideia imunda, tudo inunda
A dor profunda é que todo mundo é meu tema
(EMICIDA, Ismália, 2019)

De alguma forma, sempre fui ciente da construção da diferença ao redor da desonra, do negativo, do ruim e, em paralelo a isto, estava cercada de fantasias brancas. Quando criança, eu acordava mais cedo pra passar horas arrumando meu cabelo para o volume e os cachos negros passarem o mais despercebido possível. Não conseguia me fantasiar de princesas da Disney e ao atravessar esta barreira e me fantasiar, meus colegas achavam errado. Nunca era escolhida como par na festa junina. Meus pais trabalhavam muito, então

eu passava muito tempo sozinha ou com outras pessoas, o aprendizado desta época que levei por muitos anos consistia em me isolar e me silenciar. Cresci mais um pouco e aversão pela minha aparência física só foi piorando, no início da adolescência já tinha conhecido a chapinha, e tentava manter uma rotina em que meu cabelo ficasse esticado o tanto de dias que fosse possível, resultando em caspa, fios quebradiços, danificados e couro cabeludo queimado. Uma pessoa branca me deu minha primeira base facial também nesse período, e ela era clara para o tom da minha pele, mas eu usava todos os dias sem falta - não me importava com maquiagem, mas a base clara era importante por não querer ser associada à negritude. Na escola, falava o mínimo com as pessoas negras da turma (sendo que não eram muitas nos dois colégios particulares que frequentei na zona sul) e sabia que as meninas brancas que eu chamava de amigas, não gostavam de mim também.

O esforço a todo custo em me enxergar nas mulheres brancas ao meu redor, a agressão quase física de renegar minha mãe biológica ao chamar minha madrasta de *mãe*, ansiando meu lugar nos privilégios da branquitude, evitando

meus familiares nas redes sociais e na vida real, me aproximar de mais garotas brancas da minha idade... O resultado pode-se imaginar a esta altura: renegaram minha identidade e eu mesma fui “a favor” disso, e não sabia que não poderia existir no mundo branco, então me vi perdida. Mil facas me cortando de dentro pra fora, o desconforto de frequentar os espaços, o racismo que eu não conseguia identificar, tudo me alcançando como um dinamite no caminho que não escolhi.

Uma vez escrevi com 17 anos, que *“talvez se as coisas não fossem tão instáveis, eu não teria essa confusão e eu não seria eu. Mas eu acho que todo esse incômodo existencial vem porque eu não estou pronta para ser alguém, e quem é que já esteve?”* Mesmo não entendendo porque me sentia como uma incógnita, confiar nessa racionalização, por muitas vezes falha, é tudo que tinha para sair da caverna das sombras. O que eu mais me lembro de toda essa trajetória existencial, é da pressão, da dificuldade de me sentir querida, de encontrar o meu lugar. A casa que chamava de minha, não era um lar.

Eu só tinha 12 anos, estava começando a deixar a in-

-fância para trás, não sei exatamente o que estava passando por mim, mas o silêncio e a minha dificuldade de expressão e toda dor que eu não sabia de onde vinha, veio com uma punição de mim mesma para mim mesma. Eu me sentia extremamente sozinha, carente e invisível, mas não invisível o suficiente para homens brancos mais velhos me enxergarem como um objeto sexual. Essa época é tão regada de traumas, que eu não consigo pensar claramente e me esforçar para lembrar porque meu peito dói e a vontade de chorar me atinge. Eu só lembro de me sentir toda errada e achei que uma solução que bastaria seria me mudar para a casa do meu pai, mas tudo só piorou.

Nunca pude me sentir em paz comigo mesma: na casa da minha mãe, quando fazia algo errado, havia punição física e verbal, todos os meus primos maternos passaram por isso, uns com mais cicatrizes e traumas do que eu (ainda luto com esse passado no presente com tanta dificuldade, imagina meus primos que ainda nem adultos são?). Na casa do meu pai, havia dificuldade de diálogo e eu tendia a me isolar e me isolavam também; não tinha a violência, mas tinha o tratamento de silêncio, os olhares feios, a falta de diálogo e o

medo deles me ignorarem novamente. O plural da palavra *deles* carrega meu pai e minha madrasta na definição, apesar de nem tudo ser maravilhoso, eu preferia meu pai mais do que minha madrasta tanto pelo comportamento dela quanto a mim.

Lembro que ela não confiava em mim para ficar nem com o meu celular, e que pedir para sair com meus amigos era um pesadelo, pois ela me olhava com olhos desconfiados como se eu fosse aprontar alguma coisa. Acho que é palpável o meu desconforto ao falar dela, mas vou falar um dos episódios que mais me marcaram: era uma manhã de quando eu tinha 17 anos, estava pronta para ir para escola e era dia de trote, os alunos do terceiro ano tinham que ir vestidos caracterizados de “nerd” e eu botei uma saia com um short por baixo e ela riu da minha cara e disse “*você está parecendo uma prostituta de filme pornô japonês*”. Eu passei o dia chorando e decidi somente contar ao meu pai porque meus amigos da época me convenceram a fazer isso, e ela só me pediu desculpas porque eu relatei, já que no fundo ela não tinha nenhum remorso por ter feito isso. Minha adolescência foi um período de extrema importância para revelar o que

sou hoje, mas também foi muito difícil. *“Desculpe ter te colocado nessa escola, só estava querendo te dar a melhor educação possível. Eu pensei mais na educação, mas não pensei no resto. De qualquer forma seria uma decisão muito difícil para um pai”* essas foram as palavras do meu pai para mim aos 20 anos, quatro anos depois de terminar o Ensino Médio: tal período certamente foi um dos mais difíceis da minha vida, e eu acreditava piamente que tudo que viesse depois, seria pior. O fato é que sempre tive muitas dificuldades nos ambientes educacionais, por ser negra e por ter vindo de uma família pobre da zona sul de São Paulo, no Jd. Ângela. Eu sentia que tinha que me esforçar o dobro nos estudos, sentia que tinha uma barreira no meio das minhas crises que me faziam acreditar que não conseguia pertencer à qualquer lugar, e eu tinha que fugir de espaços para evitar o racismo, mas não conseguia; fugir é encontrar saída no mundo branco.

O que eu mais lembro que vinha junto com o racismo escolar era o assédio dos garotos brancos: eles gostavam de apertar meu corpo, e de ficarem próximos *demais*, mas na frente de outras pessoas diziam que eu era “preta que nem

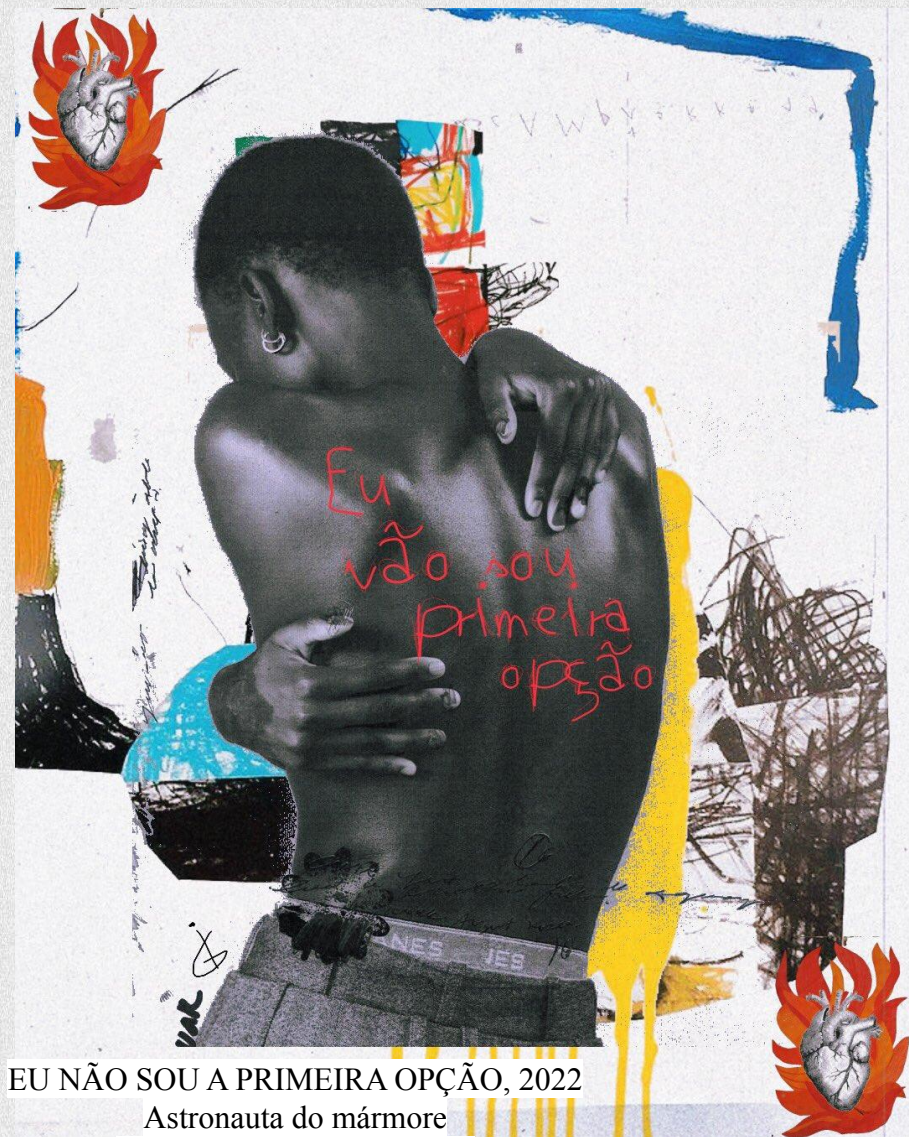
carvão” e que “não deveria nem tentar fazer faculdade, porque poderia trabalhar como limpadora de chaminé e que não deveria nem tomar banho porque ninguém perceberia a fuligem na minha pele”.

Além disso, eu era considerada feia, todos os traços que herdei geneticamente facilmente resumidos a taras sexuais, a feiura, a negatividade; mas eu era tão alheia ao racismo nessa época que quando um professor me chamou de mulamba, eu acreditei que era elogio - me pergunto quantas situações racistas eu passei e sou incapaz de lembrar; mas me pergunto ainda mais das quais não me lembro e que ainda consigo ser capaz de *sentir* lembrança, acompanhada de um desconforto quase palpável quando me proponho a pensar. Os devaneios me levam até uma frase, da bell hooks, que eu leio e apropriado para mim até hoje:

“Várias pessoas têm dificuldade em apreciar mulheres negras da maneira que somos, porque querem impor uma identidade a nós, baseado em vários estereótipos negativos. Esforços difundidos para continuar a desvalorização da mulher negra torna extremamente difícil e, muitas vezes, impossível para mulheres negras desenvolverem um autoconceito positivo.” (HOOKS, 2019, p.144)

Então, com 18 anos, eu tentei suicídio de verdade pela primeira vez. A segunda vez foi com 19 anos. Tudo que estava acumulando estava transbordando. Uma vez uma psicóloga me disse que a ausência de punição física, tendo somente a punição verbal, fazia eu me machucar fisicamente. Então sempre que minha madrastra ou alguém da escola dizia algo, eu me mutilava. Foi isso até os 21 anos, comecei com 12 anos. E eu acreditava que só tinha uma finalidade para tudo isso.

Eu sempre tive facilidade de me encontrar na violência contra mim, eu me machucava com frequência e isso era refletido no meu trabalho artístico, nos meus textos tristes que saiam com tanta facilidade. Na terapia pude concluir com veemência que meu psicológico afeta muito meu processo artístico, não consigo evitar sentir orgulho disso pois sinto que transbordo minha alma nas minhas obras tendo como resultado a sensação de leveza ver tudo aquilo que tava dentro de mim, em cima de uma superfície mais concreta, com cores e formas. E como comentei mais cedo, eu tinha uma poetisa em mim, mas eu raramente falava somente sobre mim, era sempre sobre a relação dos outros



EU NÃO SOU A PRIMEIRA OPÇÃO, 2022

Astronauta do mármore

Colagem analógica e digital

comigo. Quando é pra falar de mim, eu não sei; aprendi somente a narrar minha vida com tintas e formas em uma tela de algodão vazia, traduzir isso em uma estrutura e palavras detêm um tempo que nem sei se possuo.

2 Família

Hoje consigo dizer meu sobrenome, que antes eu tinha vergonha: Bispo. Resquício da escravidão dos meus antepassados e do controle social da catolização - as pesquisas genealógicas, apesar das fontes encontradas não serem muito confiáveis, foram frustrantes - mostram também que é um sobrenome que, a maioria das pessoas que o possuem, estão somente no Brasil e que a maioria destas pessoas, são negras (escrevo isso sem ter a certeza se minhas afirmações estão corretas, é difícil construir história sendo só mais um fruto da diáspora). Eu não conseguia me sentir bem diante desse sobrenome, nem para responder a chamada na faculdade nem na escola; muito menos para me apresentar em situações que era requerido. Eu queria um nome europeu, queria ser que nem meus colegas de sala, queria pertencer o mais rapidamente possível ao mundo branco, queria qualquer dos sobrenomes europeus, era fanática por eles. Lembro que depois das aulas, eu costumava entrar no Google para pesquisar os nomes europeus dos meus colegas, invejando a suas ancestralidades.

Apesar dos pesares e dos barrancos, mais pessoas negras estão chegando a lugares de destaques e mais pessoas negras estão sendo vistas - talvez não em um movimento globalizado; mas pela própria margem, pela própria periferia -, acredito que a minha dificuldade pessoal de me enxergar como sujeito e como mulher negra, vem do fato de que no meu processo de desenvolvimento físico e mental eu passava mais tempo com pessoas brancas e menos tempo com a minha família, e logo sem “capacidade” de me envolver com pessoas negras.

A primeira coisa que sinto ao pensar em família é um quentinho no coração, mas nem sempre senti isso. Tenho uma família grande, com muitos primos, mas sou mais próxima da minha família materna de certo modo. Tenho um carinho e inspiração muito grande pela minha avó paterna e faz muito sentido, para mim, começar a falar dela com mais detalhes: ela sempre me chama como bonequinha morena, e esse chamado carinhoso não se referia somente ao meu cabelo, mas a minha pele também. Queria muito conversar com ela sobre a sua infância em Minas Gerais e sua vida com filhos no Paraná, a vinda para São Paulo, mas devido à pandemia e

problemas de saúde que ocorreram com ela que a deixaram debilitada, sempre que consigo visitá-la, tento somente oferecer carinho e companhia, e acredito que também tenho vergonha de perguntar sobre, de incomodá-la com o assunto apesar de ter várias memórias minhas reunidas na sua sala; ouvindo essas histórias bebendo chá de capim santo e comendo biscoito de polvilho caseiro.

Minha família, apesar de ter uma variação de cores de peles negras, teve poucas relações inter-raciais. Meu pai e minha mãe são negros, meu pai um pouco mais claro que eu, e um pouco mais claro que minha mãe. Quando adolescente eu tinha vergonha de falar da minha mãe porque foi dela que eu herdei os traços mais fortes de negritude e, do mundo branco, herdei a verdade dentro da minha cabeça dizendo que só me amariam se eu fosse branca e parecida com as outras meninas brancas, e este processo me lembra uma frase que muitas pessoas negras já me disseram: “demorei muito para me identificar como pessoa negra”. Meu pai sempre me informava sobre esses aspectos, e era bem breve sobre. Minha mãe nem tanto, já que ela começou a ter contato mais positivo sobre sua negritude recentemente e eu convivia mais

com ela, então eu não pensava sobre racismo e sobre como isso me afetava, muito menos no abrangente contexto social da realidade do negro no Brasil e de como o racismo estrutural compõe toda uma lógica de exclusão e preconceito. Somente no Ensino Médio, através de professores que traziam questões sociais para debates dentro da sala de aula para o preparo do vestibular, que comecei a refletir e estudar mais sobre branquitude, racismo e decolonialidade, mas ainda era muito breve: a negritude e suas mazelas narradas por pessoas brancas para pessoas brancas e eu no meio, sendo objeto de estudo antropológico e responsável pelos meus ancestrais e pela minha história.

Sinto que não tive nenhum preparo efetivo sobre o racismo. Queria que meus pais tivessem se preocupado mais com isso, apesar de não ser culpa deles também, afinal, eles também estão inseridos como vítimas dessa realidade cruel. O mundo branco é onde estamos inseridos, ser branco é ser humano e ser racional; o bom e o positivo nunca pôde ser negro. Segundo Fanon, filósofo e psiquiatra marxista que citarei bastante durante esta dissertação, “no negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em sentir-se pequeno, uma in-

-capacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável” e a partir desse trecho, começo a falar que apesar de todas essas limitações, o corpo negro ocupa espaço e me proponho a falar que antes de ser negra, eu tive raiva.

“tal posição de objetificação, que comumente ocupamos, esse lugar de Outrordade não indica, como se acredita, uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso à representação, sofrida pela comunidade negra. (...) nossas vozes (...), têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimentos inválidos, ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós” (KILOMBA, 2019, p.51)



Morei só com a minha mãe até os 12 anos. Desde então, moro até atualmente com meu pai.



colagem digital com fotos familiares, 2021
bolchevicky

2.1 Mãe, mulher e negra

Me pergunto muitas coisas sobre minha mãe, e a principal delas é que nunca conversamos sobre o racismo. Ou qualquer outra dificuldade social e, entre tantas outras coisas, acho que essa falta de explicação dificultou muito a nossa relação. Hoje consigo entender minha mãe: minhas feridas internas ainda doem, tenho dificuldade de lembrar da minha infância, tenho dificuldade de pensar sobre a violência sem ter vontade de chorar, mas ainda sim, eu entendo.

Acredito que não cabe a mim nem em palavras o tamanho do universo que minha mãe possui, afinal só ela pode entender ou não suas dores. Mas posso falar por mim, e das minhas impressões - já é estudado e comprovado, há tempos, que a principal mazela do racismo é a violência física e/ou verbal que fica presente como uma memória constante de quem somos, então de imediato me lembro dos relatos familiares onde meu avô materno exercia a figura do homem negro “violento e másculo”, batendo em todos os cinco filhos e, houve um caso em específico, dito por uma das irmãs da

minha mãe, que meu avô uma vez havia batido tanto nela que ela acabou por defecar nas calças. Não havia carinho entre nenhum dos integrantes da família, meus tios quase não se falam e minha avó morreu negligenciada e sozinha no hospital com pneumonia.

As pessoas mais afetadas por todo esse ambiente de agressividade e pobreza e dificuldade de apoio familiar e social, foram minhas tias, filhas da minha falecida avó materna. Na vida adulta delas, histórico de abusos em relacionamentos e reprodução de agressividade com os filhos são comuns até hoje, já com os filhos homens da minha vó não há tanto esse comportamento. Minha mãe melhorou um pouco nesse aspecto desde que eu fui embora de casa, mas seus pontos de raiva eram picos que ninguém previa e ela descontava em quem ela quisesse. Não cabe a mim definir o que ela sentia e pensava, mas sei que resgatar essas coisas para o campo da minha memória ainda machuca.

“Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em eu que estava morando e não

consegua me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, Conceição, p.10, 2014)

Essa bagagem materna é um assunto que tenho discutido muito em terapia, porque é o início de toda a minha depressão. Eu me mutilava porque não tinha a minha mãe por perto para me punir ao ter feito algo *errado*. Eu mesma fazia questão de machucar a “criança” que há em mim. E ter finalmente parado com esses machucados físicos, não quer dizer que parei com outras representações: sou muito punitiva e crítica com a minha produção e o meu lugar no mundo e os meus fracassos, em amizades e relacionamentos eu tentava fazer tudo para agradar as pessoas...Todo instante, todo momento, buscava em lugares e pessoas essa aprovação que eu não sentia com meus pais. Eu queria me sentir importante.

Então, é claro que eu ainda sinto raiva. Tenho tanta coisa me assombrando dessa época que eu ainda preciso lidar, e sabe, passou 10 anos! Me sinto muito frustrada e injustiçada. Me pergunto se um dia conseguiria falar sobre com minha mãe: não sei se seria a solução, gosto de pensar que seria, porque falar com meu pai sobre a minha madrastra me ajudou bastante também. Tenho percebido que a fala tem me recompensado de muitas formas, manter o silêncio me dificulta absorver tudo que acontece ou aconteceu, de uma forma que seja saudável para minha mente.

Minha mãe sempre gostou de viajar pra praia - Fig., mesmo depois de ter se separado do meu pai. Sempre gostou de me levar no parque Ibirapuera. E sempre fomos muito parecidas fisicamente, sempre e isso em algum ponto, começou a me deixar com raiva: o nariz arredondado na base, vinha tanta raiva mas agora sei que parte vinha da violência que sobrecarregava meu cérebro desde criança; e parte vinha depois de me ver em outros ambientes, tentando passar despercebida mas minha pele trazia muita coisa e muito peso que era impossível até mesmo de me olhar no espelho. Era comum quando mais nova, principalmente no auge da adoles-

-cência, eu ficar ofendida quando me diziam que eu era parecida com ela, eu sabia que meus traços negróides principais vieram dela e eu sabia que dentro da sociedade, eu era visto como diferente e sendo isolada por isso - só que eu era incapaz de formular isso dentro de um raciocínio que fosse compreensível para meu cérebro que ainda estava em formação, então eu só sentia raiva e tristeza por ter a minha aparência.

Na tentativa constante de ficar bem dentro da minha existência, eu comecei a mudar minha aparência como dava: cabelo escovado todos os dias, sobancelha feita, depilação, base de maquiagem mais clara que a minha pele e tentava muito não tomar sol. Eu só tinha 11 anos quando comecei e queria a todo custo esconder minha pele, meu cabelo, meu rosto. Queria me desfazer e ser outra coisa, ser branca. Em algum ponto eu sabia que não conseguiria, e isso me ajudou a afundar cada vez mais na depressão.

Enxergar beleza na minha mãe, com o passar do tempo, foi uma forma de me descolonizar também diante do *belo*; foi enxergar beleza em mim, em outras mulheres negras. Ainda sinto muita pressão sobre aparência e acredito



Eu era uma criança na praia, tinha lá meus três anos. Meus olhos se encheram de areia e não sabia tirar de jeito nenhum. Não sabia falar. E estava ardendo tanto. Minha mãe não sabia o porquê de eu estar chorando. Não lembro como a situação se resolveu, mas tenho fotos daquele dia em que eu estou lá, pequenina, do lado da minha mãe, com cara de choro e dor por causa dos olhos

Eu e minha mãe,
Ano desconhecido
Fotógrafo desconhecido

2.2 Pai, meu guia

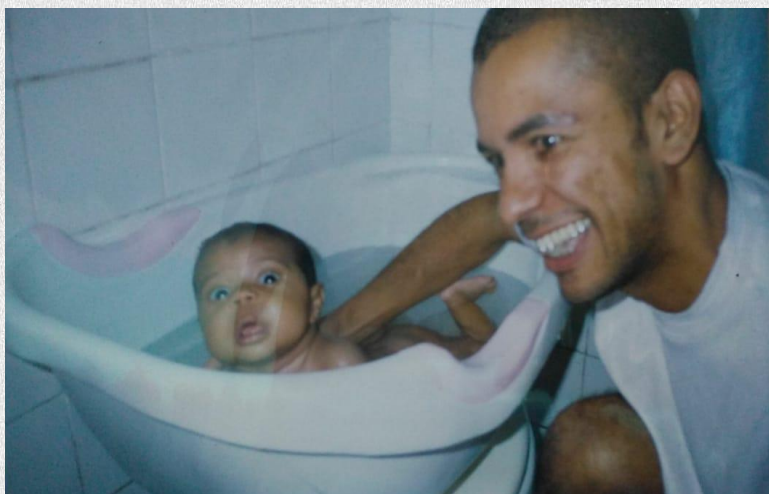
Sinto que apesar de não ter muito diálogo com nenhum dos meus pais, eu sinto que tenho mais espaço para falar de qualquer coisa com meu pai. Dele, eu herdei o sorriso e o jeito de me portar nos lugares, a personalidade. Comecei a gostar de rock por causa dele, contava suas histórias de juventude para todos os meus amigos. Eu sempre tive uma inspiração muito forte por ele.

Uma das minhas lembranças mais antigas desta vida, é de quando eu tinha uns três anos e meus pais tinham acabado de terminar o relacionamento deles. Então, era comum nessa época, meu pai vir me visitar todo final de semana e, em uma dessas visitas, lembro do meu pai descendo as escadas para ir embora e eu sem conseguir ir atrás dele, porque eu ainda não tinha aprendido a descer escadas. Acho que essa lembrança é importante porque tinha construído durante a minha infância, meio que involuntariamente, uma imagem muito forte de segurança e carinho por parte do meu pai. Ele me dava amor e eu achava

que era muito, porque não “recebia” isso da minha mãe, então ele era como um herói para mim - e de certa forma, foi um herói mesmo. No entanto, morar com meu pai a partir dos 12 anos até o momento atual, piorou muito minha saúde mental por causa da presença da minha madrasta, e eu só estou conseguindo melhorar agora com 22 anos, prestes a completar 23.

O que eu mais lembro do meu pai é que ele só trabalha, ele sempre trabalhou muito, até hoje. Ele gosta de discos de vinil, de ouvir jazz bebendo vinho e recentemente se encontrou no terreiro - desde de novinha, tenho a lembrança dele trabalhar para tentar me fornecer o que tava dentro do melhor em seu alcance. E apesar das falhas e das dificuldades, tanto do meu pai e da minha mãe, nunca faltou apoio para o desenvolvimento da minha parte artística, ainda mais agora nesse momento que considero o melhor momento que estou presenciando em sua vida e fico feliz de estar por perto observando seu crescimento.

Eu acho muito doido como as pessoas mudam, até mesmo nossos pais, pensar nas minhas duas décadas de vida é pensar também no tanto que meus pais viveram.



Eu e meu pai, foto tirada pela minha mãe. Ano desconhecido

3 Sobre meus trabalhos e minha pesquisa

Meus trabalhos se situam principalmente no campo da pintura e com uma breve passagem no mundo da tatuagem - que não tive oportunidade de aprofundar devido à pandemia. Gosto muito de trabalhar com telas e acredito que apesar do uso de referências fotográficas na maioria das vezes, minhas pinturas finalizadas diferem muito das ideias iniciais, se tornando parte do processo que aprecio. As inspirações apelam para o visual dramático, melancólico e depressivo relacionados ao feminino e ao corpo humano, numa forma de buscar definir as sensações e pensamentos dentro deste corpo que ocupo, com breve estímulo no barroco e no modernismo. Expresso indignação e frustração sobre o racismo em algumas das minhas obras mas, acreditando não ser o suficiente, criei o projeto-pesquisa Pretos Nobres para canalizar uma prioridade para a temática que, em seu início, se dedicava somente a oferecer tatuagens gratuitas ou com preço simbólico à pessoas negras, buscando oferecer uma discussão positiva sobre a pele negra tatuada - programa que será abordado mais detalhadamente a frente nessa

dissertação.

A construção de uma breve linha cronológica, que começa em 2018 e termina em 2020, aborda minhas principais referências que claramente influenciaram o meu trajeto até o momento atual. O ano de 2018 foi o momento do meu terceiro e quarto semestre no curso de Artes Visuais da Unesp, e também foi o ano que comecei a olhar mais para pintores, principalmente aqueles que faziam retratos e cenas como Gustave Courbet, Caravaggio., Peter Paul Rubens, e Roberto Ferri.



A Origem do Mundo (1866),
Gustave Courbet



Judite e Holofernes (1599),
Caravaggio



Medusa (1617-1618),
Peter Paul Rubens



Narciso (2017), Roberto Ferri

Neste mesmo período, as artes oriundas ao prelúdio da revolução russa e da revolução francesa causavam grande interesse a mim devido ao aspecto político potente dos trabalhos, Bruna Priscinotti Sahão traz no Resumo do seu Tcc (2014) a seguinte definição que considero uma explicação contundente sobre a relação da Arte com nossa sociedade e economia atual:

O modo de produção capitalista sujeitou a criatividade artística às leis do mercado e desconsiderou as particularidades dos

receptores, tratando-os como meros consumidores. A arte na atualidade deve assumir sua função transformadora capaz de incitar à ação crítica e emancipar indivíduos.

Arte desde de seus prelúdios é considerada, também, uma ferramenta para manifestações culturais diversas. Naturalmente, a relação de Arte e Política aparece quase de imediato, visto no Teatro, na Literatura, na Pintura, na Música e no Cinema, como forma de instrumento de expressão contra o poder vigente hegemônico.

Enfim, com estas primeiras influências, começo a construir telas com a figura imagética em foco, mas que traz uma mensagem imaginária que não está no campo físico. Por se tratar da fase inicial da minha pintura, utilizo de muitas referências para conseguir transmitir na superfície escolhida a minha poética que mal tinha forma ainda. A primeira (Fig. e) foi inspirada na Mia Wallace, personagem de um filme do Quentin Tarantino - ela aparece constantemente em mídias digitais, em produtos e em obras de arte - e o quadro traz semelhanças óbvias com o filme e com a personagem, sendo meu intuito transmitir a importância da cena, no qual Mia

tinha acabado de acordar de uma overdose fatal de heroína e sentia péssima.

A forma feminina que trago é posto contra a suavidade e a delicadeza da retratação geral do feminino nas grandes obras, como *Vênus* (1485) do Botticelli. A pureza e a certa espiritualidade plena que trazem para esses corpos, encaminha a interpretação inquieta de submissão à ordem imperialista patriarcal, branca. Falar das dores que carrego e que, em tantas, também há a dor de ser mulher - apesar de que, em 2018, não me sentia fortemente consciente sobre a mulheridade negra, tudo o que eu sabia era que doía e que eu não era nenhuma “deusa”, ou “musa”, ou “plena”. Possuía dificuldade de me impor e me fazer presente nos espaços, então comecei a canalizar essa frustração e falta de controle nas minhas pinturas.

O ano de 2019 foi o meu favorito. Comecei a tatuar com colegas da faculdade, fiz cerca de 13 tatuagens, produzi muitas pinturas e aderi ao vegetarianismo; mas acredito que a experiência indispensável no meu percurso como artista foi ser educadora estagiária no Museu de Ciência e Cultura do Catavento: ao decorrer do estágio pude perceber como é a



my beating heart bleeding all over me
and all over you, 2018
bolchevicky

experiência de ser educador em sala de aula, apesar do formato informal e breve que a instituição oferece para seus visitantes. Percorrendo o museu, é possível perceber a divisão dos espaços em assuntos científicos e determinados grupos de estagiários eram responsáveis pelas monitorias educativas em cada um desses espaços, sendo eles sobre Biologia, Física, Astronomia, Matemática e Química. Porém, a rotina de estágio era extremamente desgastante para um salário de 800 reais: há muita rotatividade de estagiário na instituição e muitos de diversas idades e muitos utilizam deste dinheiro pa-

-ra pagar aluguel, compras do mercado e alimentação do mês, sendo que, o único benefício além do salário, é o vale-transporte.

Falar deste museu em específico talvez aborde a realidade de outras instituições culturais que contratam mão de obra de baixo custo e temporárias - tenho a impressão que é uma infeliz realidade para essas organizações, e que não tenho a capacidade de aprofundar -, no entanto, os grupos de escola que atendi foram incríveis. Eles tinham permanência breve, as monitorias não chegavam a durar uma hora, mas



Foto mostrando a primeira série de pinturas que realizei dentro do ambiente universitário, 2018



Grupo de alunos de uma escola pública de Embu das Artes após a minha monitoria com eles. Agosto de 2019.

era essencial para nós, transformar aquela experiência educativa em diversão também.

Neste mesmo ano, aprofundei meus estudos na pintura e finalmente completei a minha série que foi batizada de (PAIN)THINGS - uma alegoria a palavra *paintings* que significa pinturas, focando nas quatro primeiras letras, *pain*, para dar enfoque na palavra dor, em inglês. Tal trabalho reuniu 10 pinturas ao todo, sendo que uma delas serviu como *banner* da exposição. Nas minhas obras mais recentes (2019-2021), tenho como foco uma imagem principal, na maioria das vezes protagonizada por uma figura feminina com envolvimento de cores quentes para a construção de imagens melancólicas (utilizo também algumas cores frias, como azul, para acentuar este efeito). Intercalando nisso, coloco frases em inglês ou em português, que conversam com o que eu quero canalizar para o público.

Agradeço muito pela oportunidade de espaço dentro dos ateliês de pintura do quinto andar, naquele prédio azul do lado do terminal Barra Funda. Foram períodos breves, mas pude transcrever sentimentos e poesia em telas, signos com cores e formas que levaram minha identidade para a arte.

Também pude me sentir singular pela primeira vez, porque finalmente fui capaz de converter a abstração da minha mente em algo palpável e visível que poderia trazer uma imensidão de teorias alternativas diante dos indivíduos que viram minhas artes naqueles corredores.



Exposição completa na frente da galeria, 2019
bolchevicky

3.1 Sobre meu processo

A maioria dos meus trabalhos chegam para mim a partir de uma imagem digital, ou seja, encontrado em alguma plataforma da internet e, a partir disso, deixo que a obra se guie totalmente pela abstração mental que não consigo definir em palavras. A fotografia serve somente para o esboço; para me ajudar a definir como desejo a imagem principal na superfície - não gosto muito de planejar mais do que o necessário pois me deixa ansiosa antes do resultado final e, por isso, uma referência para a disposição da imagem principal e uma playlist com as músicas mais relevantes para mim naquele momento, são as únicas coisas que preciso.

Uma característica interessante da minha produção é que eu não tenho certeza como irá ficar a obra finalizada (e algum artista já teve certeza com tanta veemência?). Quando mais nova gostava de retratar um realismo idêntico à fotografia, ou pelo menos tentar; recordo que no início da minha prática constante em desenho, usava as referências

fotográficas da rede social Tumblr e desenhava com um estilo parecido ao mangá, pois acreditava que para viver desenhando teria que virar cartunista ou algo do tipo. Depois, fui partindo para o realismo com lápis de cor sobre papel, acreditava que só assim iria ser reconhecida e valorizada como artista, fazendo um trabalho metódico de reprodução.

Então, entrei na faculdade de Artes Visuais da Unesp. Lembro até hoje, ao estar em uma aula de Desenho no primeiro semestre e os alunos tinham que mostrar o *sketchbook* com desenhos recentes para o professor. Ao chegar na minha vez, recebi uma crítica negativa ao meu traço realista e lembro de na época ficar muito chateada, mas acredito que tenha servido de algo pois, atualmente, ainda mantenho um realismo breve nas minhas obras mas me permito explorar outras formas e outras maneiras de expressão através da pintura.

Os meios mais utilizados que facilitam minha técnica são tinta acrílica e tinta guache. Gosto de utilizar o guache para preencher o fundo da pintura e construir um esboço da figura principal, já a tinta acrílica serve para o desenvolvimento da arte até sua finalização. Quando se trata

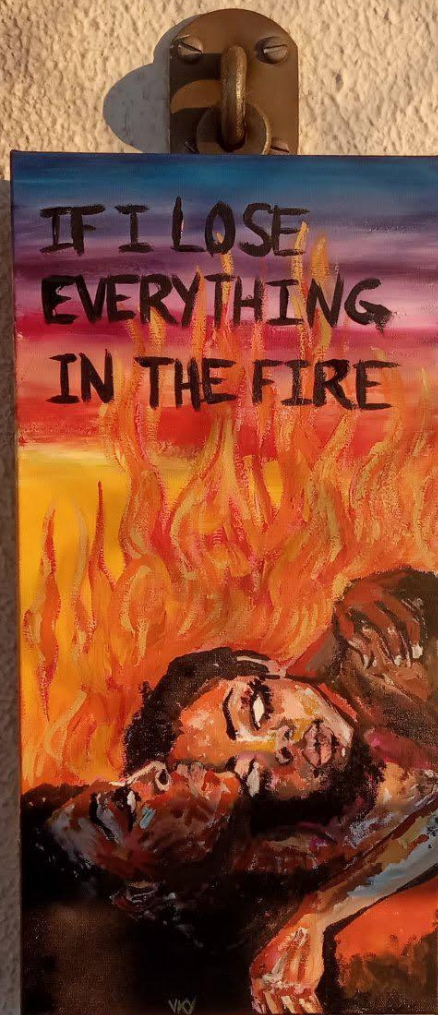
de arte em papel (papel Canson 180g/m² na maioria dos casos), gosto de utilizar mais guache e nanquim, seguindo por vezes a utilizar lápis de cor e giz pastel oleoso - e não costumo misturar os materiais nesse caso. Por conseguinte, o processo se mantém independentemente da superfície que decido utilizar e acredito que a poética por trás do meu traço, se mantém também. Me sinto mais à vontade para trabalhar em telas de algodão que variam em tamanho médio e grande. Ora trabalho com a tela em cima da mesa, ora trabalho com ela disposta em um cavalete, ora pendurada na parede do ateliê improvisado. A maneira como a tinta acrílica se comporta, secando mais rápido que tinta óleo mas ainda sim mais devagar que guache, me permite avançar nos meus devaneios e também compor texturas sob a superfície. Antes da pandemia, com a rotina acelerada da cidade de São Paulo, eu tinha poucas horas dentro da faculdade para pintar (local onde eu realmente conseguia produzir), então o ritmo acelerado de produção se tornou minha aliada. Porém, com a pandemia e a adaptação das aulas no formato online, o Tcc chegando, acabei me vendo sob pressão e ansiedade para conseguir produzir e ainda continuar minha pesquisa paralela

sobre a tatuagem em peles negras.

Em muitos momentos, não conseguia nem pensar em fazer arte, em outros, durante esse período de quarentena, a arte foi minha válvula de escape. Um destes momentos de disseminação artística ocorreu em maio de 2020, onde eu acompanhava, em casa, os movimentos do Black Lives Matter¹ nos Estados Unidos que começou com a morte de George Floyd e ao ver como reprisaram constantemente o vídeo dele nos jornais, e imagens dele morrendo, implorando e dizendo que não conseguia respirar, eu explodi. Só de me lembrar, sinto um arrepio e um ardor na garganta, uma vontade de chorar. Eles continuam nos matando e eu só tenho 22 anos e já estou cansada. No ápice da minha dor veio a morte do menino carioca de 14 anos, o João Pedro, também em maio de 2020. Ele tinha a idade do meu irmão. Eu não consigo até hoje parar de pensar nisso: ele tinha a idade do meu irmão. Era só uma criança. E entraram na casa dele, mataram ele e sumiram com o corpo. A polícia é uma ferramenta do Estado para matar pobre e preto e não consigo ir em um diálogo sobre isso, porque nada vai mudar a minha ideia. Meus primos e irmãos estão morrendo.



Criança negra em sua possível
realidade, 2020 - tinta acrílica sobre tela,
20x40cm. bolchevicky .
Crédito da foto: Víctor Mello



Último dia na Terra, 2020 - tinta
guache TGA sobre tela, 20x40cm. bolchevicky

“(...)Eu sou dádiva, mas me recomendam a humildade dos enfermos...Ontem, abrindo os olhos ao mundo, vi o céu se contorcer de lado a lado. Quis me levantar, mas um silêncio sem vísceras atirou sobre mim suas asas paralisadas. Irresponsável, a cavalo, sobre o nada e o Infinito, comecei a chorar.”
(FANON, 1952, pág.126)



A FACE THAT AWAKES WHEN I CLOSE
MY EYES, A FACE WATCHES EVERY
TIME I LIE
A FACE THAT LAUGHS EVERYTIME
I FALL (AND WATCHES EVERYTHING)
SO YOU KNOW THAT WHEN IT'S TIME
TO SINK OR SWIM
THAT THE FACE INSIDE IS HERE IN
ME, RIGHT UNDER MY SKIN

4 Tatuagem

Quando penso no início da minha história com a tatuagem, preciso voltar ao começo da minha adolescência novamente. No início dos meus 14 anos, estava em um momento que eu tinha quase certeza que queria ser artista, então eu precisava entender que tipo de arte eu poderia fazer para me sustentar; porque meu sonho sempre foi ser independente dos meus pais e, infelizmente, o capitalismo, dificulta esse alcance. Então comecei a treinar desenhos para tatuagem nessa mesma idade - mas de vez em quando eu pensava que talvez me daria bem em Biologia, ou Arquitetura ou Design Gráfico -, me ver escolhendo Artes dentro do convívio escolar e do esforço extremo do meu pai para me fornecer uma boa educação, me deixava confusa sobre a minha decisão.

Contei para o meu pai que eu iria tentar Artes como primeira opção de curso, logo após uma excursão escolar na Unicamp. Lá eu pude visitar o Instituto de Artes, que estava preparado para a nossa chegada, cheio de pinturas e desenhos e muitas pessoas, lembro de estar subindo as escadas e chorar



Desenho dessa época, 2013. Gostava de desenhar mulheres brancas com um estilo meio mangá, e com tatuagens pelo corpo. bolchevicky

com tudo aquilo - ter chorado foi um sinal muito significativo para mim, mesmo eu tendo só 16 anos. Meu pai achou que era uma ideia passageira, então não botou muita confiança nas minhas palavras e só disse que seria algo muito difícil *para mim*. E eu sabia que seria. Mas não tinha outro curso com o qual eu me identificasse mais. Hoje eu tenho 22 anos e não consigo me ver de outra forma, em outro lugar. Por mais defasado que tenha sido minha educação dentro da academia, eu aprendi muito nas pessoas que frequentavam o espaço, aprendi muito em situações que presenciei e eu não trocaria por nada.

Sempre foi muito fácil cair no limbo da autocritica antes de entrar na faculdade: *Eu sou uma boa artista? Eu sei desenhar?* Queria a aprovação constante das pessoas sobre o que eu produzia e só com a chegada da juventude adulta em minhas costas que pude relaxar e amadurecer um pouco sobre meu processo, parar e enxergar outros tatuadores além do tradicional Old School e do Realismo, me deixava confortável em ser quem eu mesma, em qualquer lugar. Então sim, soube que conseguiria fazer de mim uma tatuadora artista assim que cheguei no campus da Unesp aqui em São

Paulo: no segundo semestre de 2018, em algum dia de alguma semana, faltei na aula para ver um amigo meu (desconhecido na época), a tatuar no ateliê de residência artística no quinto andar do Instituto de Artes. Ele não possuía um espaço ideal para tatuar os clientes em outro lugar, e ele era estudante da faculdade e precisava se sustentar, porém por questões sanitárias que poderiam vir, proibiram dele de continuar com esta prática naquele espaço. Como é visível nesta breve narrativa, o trabalho com tatuagem é incerto e por vezes, árduo.

De início, não enxerguei as dificuldades daquela profissão, o que importava para mim era aquela inscrição permanente na superfície da pele. Fiquei encantada e mais motivada, mesmo que involuntariamente, a começar a tatuar. Até o momento atual, tem muita história que é irrelevante diante de um texto acadêmico como o Tcc, mas logo que comecei a tatuar, me vi, questionando, mais uma vez, com uma pergunta frequente que me acompanhou desde da minha adolescência, sempre que me punha fisicamente em lugares novos com certa recorrência:

Onde estão as pessoas negras?

4.1 Racismo na tatuagem

Deveras essencial trazer para a tatuagem o discurso decolonial, pois é clara a influência crucial de povos nativos da Oceania, África e América do Sul para que a Tatuagem alcançasse o patamar que se encontra atualmente. Como o foco da minha pesquisa é a mulher negra brasileira nesse espaço, nada foi mais justo do que ir atrás de profissionais da tatuagem em redes sociais que se enquadram neste perfil. De início, a busca foi difícil, mas com insistência e tempo pude encontrar o coletivo Pretosas no Instagram - só pude achar devido a recomendação da tatuadora Larissa Azevedo, [@azevedoink](#), do Espírito Santo - mas algo que sempre vinha martelando dentro da minha cabeça foi a dificuldade de encontrar essas mulheres, não uma dificuldade relacionada à impossibilidade de achar, mas que não apareciam “logo de cara” quando me debruçava sobre a internet. Depois, encontrei o livro “História da Tatuagem no Brasil”, da Silvana Jeha - graças a amigos tatuadores -, e logo de cara, no

capítulo 3, a autora trabalha sobre dois aspectos do contexto brasileiro: o mapeamento das principais nações africanas a partir dos padrões de escarificações em seus corpos e os padrões feitos com ferro quente para identificação de propriedade sob os escravizados. Silvana mostra a possibilidade - porém sem exatidão - da identificação de africanos ser possível somente por causa das marcas “tribais” em seus corpos e, também, mostra as marcas corporais que simbolizam, ao meu ver, o início do efeito físico e mental da colonização nos corpos negros. A partir disso, falar de tatua-



Eu tatuando no começo de 2020, crédito da foto: Victor Mello

“A nossa vida é mais importante, mas cara é muito embaçado assim, sabe? É muito difícil ficar nesse lugar e aí conforme eu fui nessas questões do gênero e tudo mais, fui vendo que eu precisava de muitos espaços assim, né? Que eu era muita coisa também e tipo sei lá, até um lance de eu divulgo minhas amigas que tatuam e aí eu não vejo essa reciprocidade, sabe? E aí eu tava até conversando com uma amiga esses dias falando assim, cara, é muito difícil ser uma pessoa negra dentro da tatuagem, porque até às vezes as pessoas negras pra você e fala assim, tipo “Não, você aqui não é seu lugar” e aí te faz voltar prum lugar que você lutou muito pra sair, sabe? Aí você começa a se perguntar, será que a minha arte presta? Será que o meu trampo é bonito? E aí eu tava me questionando sobre isso, eu falei assim, cara, por que que eu tô fazendo isso? Eu tô me questionando sobre essas coisas, sendo que tá tudo bem comigo, sabe? Eu tô vivendo o meu processo, eu tô vivendo o agora, eu não tive quatorze anos de *tattoo*, eu tive três anos dentro desses quatorze anos que eu não pude viver de tatuagem, sabe? Que eu tinha tipo assim um dia de folga na semana, e eu tinha que revezar o dia entre tatuar minhas coisas e escolher se eu podia fazer isso porque eu não tinha grana pra comer, sabe?”

(Thamú Candylust - @candylust. Tatuadore entrevistade. 2021)

-gem e não trazer toda a apropriação do ocidente em estúdios ou cursos comerciais, é um silenciamento, apesar de ser “involuntário” - sem falar como a falta insistência e paciência ao procurar informações sobre esse assunto, vai além de vários outros obstáculos institucionalizados.

Uma das coisas que Thamú disse ficou ecoando dentro de mim: essa espécie de solidão. Não a solidão absoluta - porque durante sua trajetória como tatuadore e artiste, ele teve, durante o caminho, apoios fortes - mas sim a dificuldade de desenvolver uma confiança e autoestima sobre seu trabalho na tatuagem, que é uma área que apesar da sua popularidade na moda e nos centros urbanos no geral, ainda está preso a ideia do belo tradicional. E como é difícil também, desenvolver uma credibilidade àqueles que te cercam, depois de anos sofrendo para encaixar seu corpo negro em espaços e situações que não condiziam com a sua vivência. Ouvindo Thamú, me senti acolhida. É totalmente compreensível suas dores. Depois de anos nesse caminho árduo, Thamú conseguiu criar um espaço de acolhimento para profissionais de estética e beleza, chamado Casa Thamusa, que fica na Barra Funda. Acho muito importante e simbólico

a concretização de um espaço para acolher e receber pessoas negras, pessoas LGBTQIA+, um espaço que estende colheitas; e termino deixando essas palavras fortes de Thamú, que acredito que define muito bem seus valores: “**eu venho abrindo caminho, né? E venho abrindo o caminho falando assim gente pode pisar que é seguro. Não vem abrir o caminho pra deixar um abismo atrás de mim, tá ligado?**”

“Memórias, lendas, piadas, comentários, histórias, mitos, experiências, insultos, tudo isso inscrito simbolicamente na superfície das nossas peles nos dizendo onde estar e onde não, aonde ir e aonde não, com quem falar e com quem não falar. Nos movemos no espaço, em alerta, através desse esquema epidérmico racial” (KILOMBA, Grada, 2019, p.174)

Assim que comecei a fazer amizades e coleguismos com os estudantes e ex-estudantes que atuavam como tatuadores-artistas, logo depois de fazer a minha primeira tatuagem lá em março de 2019; me senti deslocada apesar desse ser meu mecanismo de defesa (eu sempre ficava deslocada com pessoas que eu ainda não conhecia em espaços que eu, também, não conhecia) e eu não entendia realmente o motivo do meu cérebro estar tão... *Assustado*. Todos me aco-

lheram muito bem, e descolamos um lugar bacana para tatuarmos nossos clientes, mas ainda sentia muita insegurança, ansiedade e sentia que não pertencia a nada daquilo. Talvez não faça sentido para mais ninguém além de mim, mas só recebíamos clientes brancos e brancos, sentia a perseguição da branquitude e sentia falta das pessoas negras, assim como sentia falta e inquietação que as pessoas negras recebiam dentro do Instituto de Artes e em todos os espaços acadêmicos. Acho que tudo estava se acumulando dentro de mim, e tinha uma potência muito forte, mas ainda não sabia canalizar de uma forma que fizesse diferença para pessoas negras também. Veio à minha mente, na época, como uma pessoa negra precisa se desdobrar e alcançar curso e metas e ser impecável de aparência e inteligência para, pelo menos, chegar perto de um patamar de uma pessoa branca. E era difícil, a rotina em si era muito difícil e ainda ter que carregar o peso de *tudo* - na época, eu ainda tinha que trabalhar, aparecer nas aulas e tatuar, eu andava tanto tempo fora de casa que quando eu chegava, eu só dormia. Mal comia. Mal ficava com meus amigos. Me sentia péssima em casa.

Eu não era completamente leviana sobre o racismo na

tatuagem - tinha uma boa ideia, pois já havia confrontado, na minha alma, a dor de um racismo onipresente em todos os espaços ou instituições que eu estivesse. Me lembro de um sentimento, que não consigo pôr em uma única palavra para definir pois não há espaço - sentimento este que teve início quando comecei a alimentar dentro de mim, ainda nova, a vontade de ter minha pele tatuada, mas ficava pensando também que só poderia tatuar com tinta preta pois acreditava piamente que cores não iriam aparecer no meu corpo.

Então, criei o projeto-pesquisa Pretos Nobres. Em seu prelúdio, tinha o único objetivo de buscar pessoas negras que gostassem de tatuagem para desmistificar a cor da pele: tanto em mim, quanto no cliente, em um trabalho de ação-reação. Houve muitas trocas interessantes sobre racismo nesse espaço físico e quebras de barreiras na técnica - aprendi que um traço grosso e um desenho grande, evidencia mais o traço da tatuagem em pele negra; há maneiras de colocar cores escuras se houver um branco para dar destaque e cores claras possuem mais destaque -, porém não pude prolongar meu mapeamento devido a chegada do covid-19. Demorei meses para conseguir decidir o que finalmente faria no meu Tcc e

demorei ainda mais para tomar partida, tenho muita certeza que todo o isolamento necessário devido a pandemia, a sensação de inutilidade e as notícias negativas acabaram me deixando soturna.

“Reparação, então, significa a negociação do reconhecimento. O indivíduo negocia a realidade. Nesse sentido, esse último estado é o ato de reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estrutura, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulários, ou seja, através do abandono de privilégios.”
(KILOMBA, Grada. p.46. 2019)

Com o intuito de retomar o projeto, transformei este em pesquisa. Depois de muito planejamento e preparo mental, decidi começar procurando mulheres negras tatuadoras, e depois de encontrá-las, fui tentando entrar em contato para falar sobre minhas intenções e enxergar a possibilidade de entrevista. Ao todo foram 6 entrevistadas: mulheres negras com suas narrativas próprias mas também com pontos semelhantes presentes entre elas, inclusive comigo mesma. Ao longo da coleta de narrativas, estendi o diálogo procurando os clientes negros que fizeram tatuagem comigo, porém, entre quatro ou cinco clientes, só dois conseguiram comparecer na entrevista.

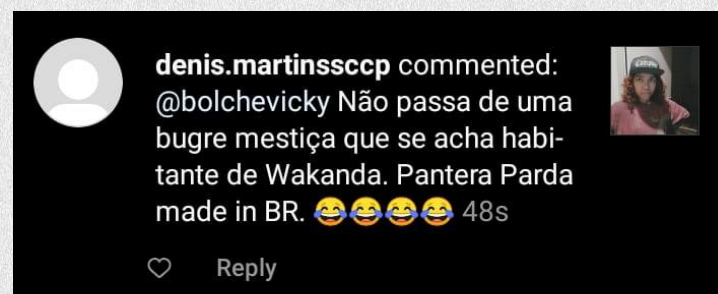
4.2 Campo minado do colorismo

Quero começar a falar desse tópico dentro de um capítulo sobre tatuagem pois nunca antes fui tão questionada sobre minha negritude quanto agora, enfrentando essa pesquisa. Quantos questionamentos uma pessoa tem que passar como uma rotação constante dentro da cabeça, sobre sua própria herança ancestral e racial? Eu passo por isso até hoje. Sempre que me encontro em espaços ou situações em que a cor da pele é tratado como tópico nas conversas, ou é, em si, relevante para o rumo da conversa, existem duas possibilidades que registrei com a minha própria vivência:

- 1) a pessoa branca desqualifica meu discurso por eu ser negra
- 2) a pessoa negra desqualifica meu discurso por eu não ser retinta

Acho que aqui é minha resposta, por eu precisar tanto falar sobre minha família na minha dissertação, pois sinto

profundamente dentro de mim que preciso falar; que preciso *justificar*. Eu sei de onde eu vim, de onde meus ancestrais vieram. No entanto, tenho encontrado mais dessa segunda opção depois de alcançar a maioria, que coincide também com o encontro de mais pessoas negras. É confuso demais para mim: em espaços onde pessoas negras tem o acesso limitado, eu sou responsável por toda a história e por toda representação dos negros que não estão lá (Fanon fala sobre isso). Já em espaço majoritariamente negro, também me sinto limitada, só que de maneira sufocante pela fiscalização do colorismo.



Cabe a quem decidir a minha raça? Minha identidade?

Uma vez estava em uma discussão em uma rede social sobre *blackface*, a pessoa com quem eu estava dialogando, me disse “Você nem é tão preta assim! Olha seu cabelo, é quase liso” - sei que o comentário saiu para desqualificar meu discurso naquele momento, mas percebo que esses comentários têm tomado uma certa frequência na minha vida, principalmente quando tento sustentar alguma ideia em determinado assunto. Não demorou muito para começar a sentir culpa por não corresponder às expectativas físicas para falar sobre minha vivência racial. Além de tudo, sentia culpa por ter privilégios, por parte dos meus pais, que investiram muito dinheiro em escolas particulares - eu ter estudado em escolas particulares, principalmente uma que é considerada de elite, me fez ficar isolada dentro do mundo branco, pois eu não era somente uma aluna, eu era uma aluna negra. Eu ainda estou me movendo em duas dimensões, tudo pela cor da minha pele: clara demais para ser negra, escura demais para ser branca.

Naturalmente, isso influencia a minha produção na tatuagem por sentir o tempo todo que não tenho negritude o suficiente para falar da minha ancestralidade africana e, ape-

-sar de ter criado um projeto muito importante e que torço para ter seu impacto principal na vida de pessoas negras, sinto que ainda preciso trabalhar essas questões externas dentro de mim, de alguma forma que não me afete tanto - e ver que não sou a única a me sentir assim, ouvindo minhas colegas da tatuagem, me transmite certa esperança apesar de tudo. Sinto que pessoas negras estão crescendo e entendendo suas dores, mas sinto dificuldade em me sentir acolhida *apesar de estar sendo acolhida*, e me pergunto se tal dificuldade tem a ver com as expectativas estruturais que não são possíveis de alcançar e me pergunto se tenho dificuldade de acolher também. Toda essa rigidez que presenciei, é uma resistência que me parece uma ameaça ao progresso, *um passo para frente e dois para trás*. Mas, ainda sim, um progresso

“ (...) Eu ainda tenho dificuldade de desenvolver algo que é mais voltado pra ancestralidade né? Eu sou mestiça, então a minha família ela é misturada com negros, africanos e com indígenas, a partir da família da minha mãe é Tupi e do meu pai já vai misturando e tem uma mistura muito doida assim, sabe? De etnia na minha família. Às vezes, eu tento me encontrar com essas temáticas pra desenvolver alguns desenhos, mas acaba sendo ainda uma coisa muito abstrata pra mim.”

(Debby Motta. Tatuadora entrevistada. 2021)

-mente em conjunto, nas mesmas escolas, os mesmos amigos, mesmo ambiente familiar. Lembro nitidamente de quando as coisas começaram a mudar durante o Ensino Fundamental e causou o afastamento gradual de nós dois: estudávamos em uma escola de bairro, próximo ao metrô Capão Redondo e ele começou a se tornar popular e eu, não. Esse período foi muito marcante para mim, porque moldou muito os meus maiores medos e inseguranças diante de um espaço que não fosse minha casa - as meninas brancas que eu chamava de amigas, não gostavam de serem vistas comigo e eu também não atendia às expectativas e críticas delas sobre minha aparência e todos ficavam falando coisas ruins sobre mim, principalmente quando comecei a ter paixonite por garotos e eles se aproximarem de mim somente para conseguirem algo com essas “minhas amigas”. Quando mudei de escola, lembro de chorar antes do primeiro dia de aula, e eu não sabia explicar mas no fundo eu sabia o motivo, só não tinha ainda a capacidade de verbalização diante da dor.

4.3 E eu não sou uma mulher?

Eu nasci na mesma semana que meu primo, fomos os primeiros netos do meu avô materno e fomos criados pratica-

Falavam sobre meus dentes, sobre meu nariz. Sempre falavam do meu modo de falar, das minhas pernas, dos meus braços, tudo (só não falavam do meu cabelo e dos meus pêlos

pois já havia começado a me depilar com 11 anos). *Eu me sentia observada e criticada o tempo todo.*

Mas eu não via isso acontecendo com os garotos negros e por isso cito meu primo, ele é do meu círculo familiar, é mais retinto que eu e passou por espaços que também passei - já quando mudei de escola, tinham garotos negros na mesma série que eu também, mas o tratamento sem contestação, era diferente - e por falta de ter alguma garota negra da minha idade, presente do meu lado neste período, para me dizer “Olha, passei por isso também!”, me fez sentir culpa por simplesmente existir e por não ser *branca*.

“Embora exista uma intersecção complexa entre “raça” e gênero, trocar a “raça” das personagens, mais do que mudar o gênero, alteraria profundamente o conjunto de relações de poder. Todas as personagens *brancas* teriam permanecido protegidas, ao contrário de todas as personagens *negras*. Por tanto, pode-se concluir que muitas, se não a maioria, das experiências pessoais com o racismo, são formas de “racismo de gênero” (apud Essed, 1991,p.5)” (KILOMBA, Grada, 2019, p.96)

Infelizmente sinto que nunca fui uma mulher e nunca vou ser. Digo isso pois, como uma pessoa não-branca que

“(…) você sempre vai ser o alvo assim de qualquer coisa que aconteça, que sumir, se quebrar, se você se portar, se você levantar o tom pra falar, você sempre vai ter a figura que vai ser taxada de não bem-vinda ali, entendeu? E isso é engraçado porque eu já trabalhei com muita gente escrota com atitudes assim, viver sem criar caso sabe? Que por serem pessoas de pele clara, ‘ah é o jeito da pessoa e tudo’, sabe? Mas se é a gente, é barraqueira, é porque fala alto, é porque, sabe? E é difícil ter essa dinâmica com pessoas que te colocam nessas páginas de estereótipos também, né? E esse foi um lance muito sério assim, muito problemático de me tirar do estúdio e me acusar de roubo, eu não fui chamada pra conversar, eu não fui chamada pra pelo menos me defender, só foi o lichamento, foi ela, pronto, acabou e só fui chamada pra ser pra pegar minhas coisas, né?”

(Debby Motta. Tatuadora entrevistada. 2021)

sabe que as definições de gênero binárias foram criadas por/para pessoas brancas, a única coisa que me traz a ideia de ser mulher é a funcionalidade dos meus órgãos sexuais, que também não se encaixam *perfeitamente* nos padrões tão definidos. Então, ao não me ver dentro dos traços tão delicados e puros da mulher europeia do séc. XIX, ou como a colega de sala branca comum que leva uma vida normal e sem muitos obstáculos, me sinto solitária. Presa no espaço sem conseguir me mover e falar.

Não quero ter que projetar uma timidez para me proteger, não quero me sobrecarregar para conseguir objetivos mínimos. Só agora consigo interpretar todos os silêncios que presenciei na vida, colocando estes diante de uma visibilidade exaustante para conseguir entender toda a minha narrativa e ainda nem falei sobre as coisas que nem ao menos consigo me lembrar. Em palavras mais simples, me sinto cansada o tempo todo por ser mulher e por ser negra, sinto que sou responsável por muita coisa, inclusive pela minha consciência e, dizendo isto, não posso parar de pensar como demorou para me enxergar como uma pessoa negra, ainda mais como demorou para entender de um ponto de vista

só meu, o que é pertencer ao gênero feminino. Quando atendia aos padrões estruturais impostos sobre a mulher (ou melhor dizendo, tentava), eu me sentia muito feia e muito carente, me comparando ao máximo às outras mulheres que tinham uma feminilidade *superior* a minha e por passar tantos anos da minha vida, tentando reproduzir um encaixe na mulheridade oriunda do patriarcado, todo esse cansaço acaba por recair sobre mim agora, neste momento que estou tratando de olhar com mais carinho para esta minha pele negra.

E cada vez mais observo, observo nas mulheres negras uma união para cuidar de nós mesmas, em busca de espaços de segurança, em busca de mudança nas estruturas que nos sufocam tanto. Uma verdadeira rede de apoio contra um racismo que não é o mesmo sofrido pelos homens negros e é curioso pensar que meio que sempre tive consciência disso, assistindo os homens negros da minha família tratarem suas esposas negras de forma tão escrupulosa, e também a distância de realidade que eu sentia quando interagia com garotos negros na adolescência. Afinal, é um fato, homens negros não passam pelas mesmas problemáticas que mulheres

negras são forçadas a experienciar de qualquer forma - mas de maneira alguma, ter consciência disso é uma forma de tornar menor o sofrimento e a opressão contra homens negros, mas como diria bell hooks, no seu livro *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo*, “o homem negro escravizado foi primordialmente explorado como trabalhador de campo; a mulher negra foi explorada como trabalhadora de campo, em atividades domésticas, como reprodutora e como objeto para o assédio sexual perpetrado pelo homem branco”(HOOKS, 2015, p. 47)

Como mulher negra, eu percebi que precisamos enxergar todos os espaços de hostilidade, inveja e competição, não como espaços onde devemos desenvolver nossa força e nos autodenominar como guerreiras, mas sim como espaços que nos torna incapazes e fracas de propor novas realidades e novas mudanças - e é exatamente o que o capitalismo tenta nos vender, principalmente com o discurso de “pretos no topo”. Tenho a impressão que entendemos o racismo como algo muito imediato e momentâneo, sendo oriundo e disseminado somente por pessoas brancas preconceituosas, mas a extensão da problemática vai muito

além do que podemos “tocar” na nossa rotina e na nossa vivência nesta vida em sociedade. Acredito que a compreensão do fenômeno como um todo, começa quando se analisa o comportamento do indivíduo sozinho, exatamente no singular, pois esse movimento é a aceitação de que, antes mesmo de nascer neste mundo, ele já foi institucionalizado com estas “ideias”- mas isto não muda o fato de que precisa haver um empenho próprio para se livrar do legado da socialização negativa. Não quero que o que defendo seja posto entre dois postos somente do certo e errado, pois eu, como ser humano, posso ainda mais progredir na minha narrativa de uma forma que eu espero sentir total confiança nos valores que acredito; e acredito que minhas convicções são somente reflexões do que espero que seja melhor para o convívio igualitário em sociedade.

4.4 A questão do Belo

“(…) será que alguém vai comprar isso? Entende? Tô fazendo desenhos e ninguém comentava, ninguém reservava. É uma parada que tipo a gente sempre fica muito no começo, porque tem aquela insegurança tipo de não ter um público muito fechado e tudo mais, né? Mas, mano, tipo, continua fazendo, sabe? Porque sempre alguém vai aparecer e que vai querer e isso é muito já! Alguém vai querer de fato sabe?”
(Larissa Dedis. Tatuadora entrevistada. 2021)

Apesar de todos seus defeitos institucionais e sociais, me gratifica muito o aumento de tatuadores dentro da Unesp e o movimento crescente do desapego ao tradicional e ao que é visualmente aceito na Tatuagem. Seguindo esta linha, para fortalecer nosso discurso e nosso trabalho, houve a criação de um grupo de estudos de tatuagem, envolvendo em suma maioria estudantes e ex-estudantes do Instituto de Artes, tendo como objetivo discutir produção, desenho e teoria dentro do universo da tatuagem - graças a esse grupo, apesar de estar em seu início, tenho atualmente a possibilidade de um olhar mais maduro quanto ao que eu produzo, e o que os outros produzem também.

Por fora dessa segurança espacial que a universidade

me forneceu por acaso, minha tatuagem e meu traço (ainda em formação), já foi muito criticado abertamente e convenhamos que tenho muita dificuldade de lidar com críticas externas, caio facilmente no autossabotagem quando essas coisas acontecem. Por um lado, sei que não é minha culpa, e mesmo sabendo que uma pessoa branca não sofreria estas críticas na mesma intensidade - um exemplo, seria a onda crescente do *trash tattoo*, movimento que ficou popular, pelo menos aqui no Brasil, por causa da multiartista baiana, malfeitona - me sinto mal sobre meu desempenho no desenho e no meu trabalho em um geral. Mas o mundo da tatuagem é sobre isso. É a reprodução da imagem realista sob a pele, e se você não souber reproduzir o produto mais vendido neste mercado, muito provavelmente você irá receber críticas e, apesar de tudo, sinto orgulho do que consigo produzir no meu momento atual, porque de alguma forma faz parte do processo de desenvolvimento. Não preciso ter certeza de nada concreto ainda, e tá tudo bem. Agora, nas páginas seguintes, quis deixar o registro e divulgação das tatuadoras que aceitaram conversar comigo e, por último, deixar meu registro e minha divulgação no mundo da tatuagem.

LARISSA DEDIS

@larissa.dedis

* São Paulo, SP

* Botânica, freehand,
trabalhos em hachuras e
rastelado

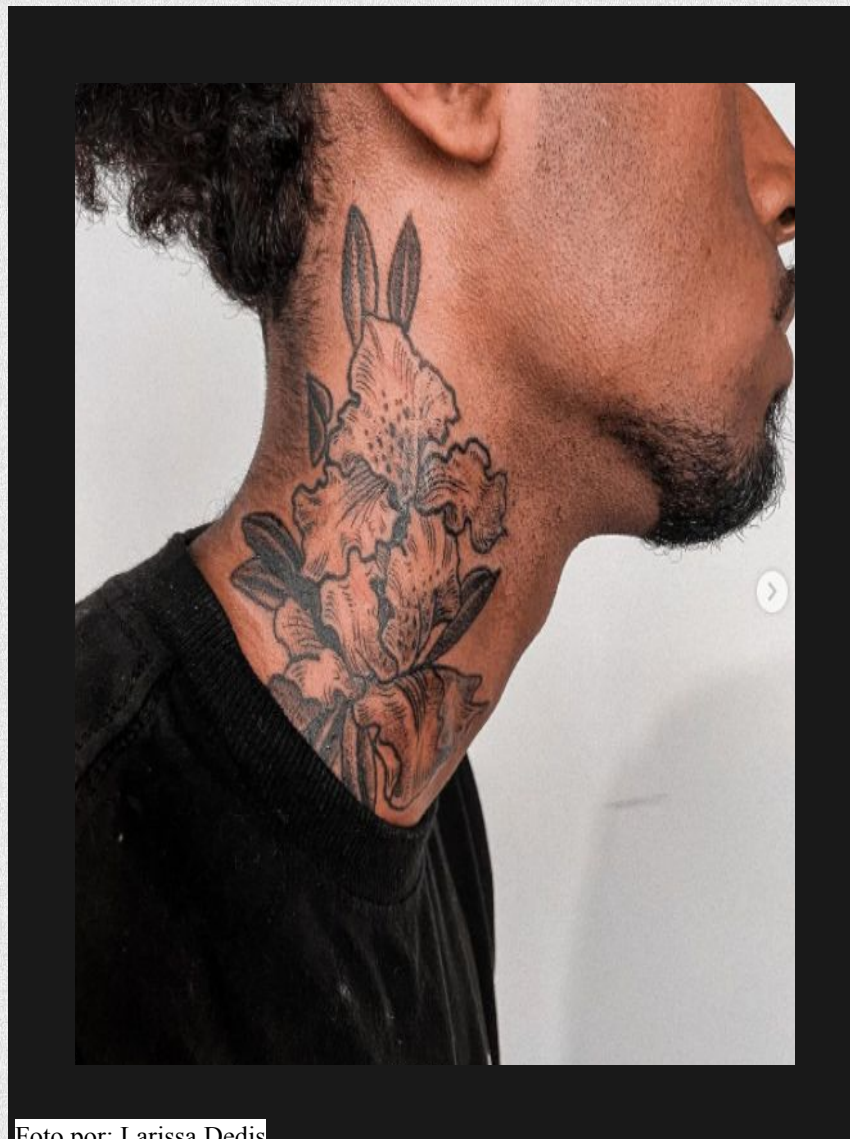


Foto por: Larissa Dedis

IVIH RIBEIRO

@ivihtatu

* Teresina, PI

* Botânica, afrocultura

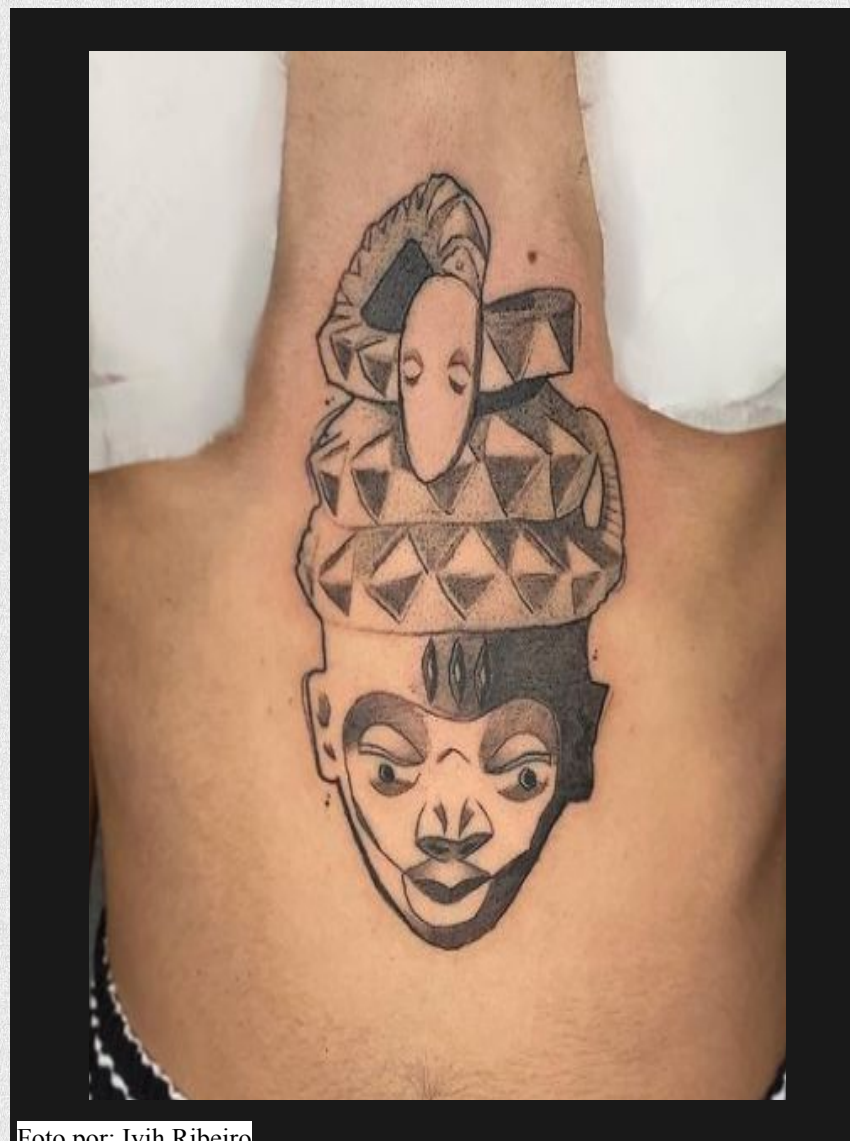


Foto por: Ivih Ribeiro

DEBBY MOTA

@debbymotatattoo

* Belo Horizonte, MG

* Botânica, rastelado,
animais, temática dark/gótica

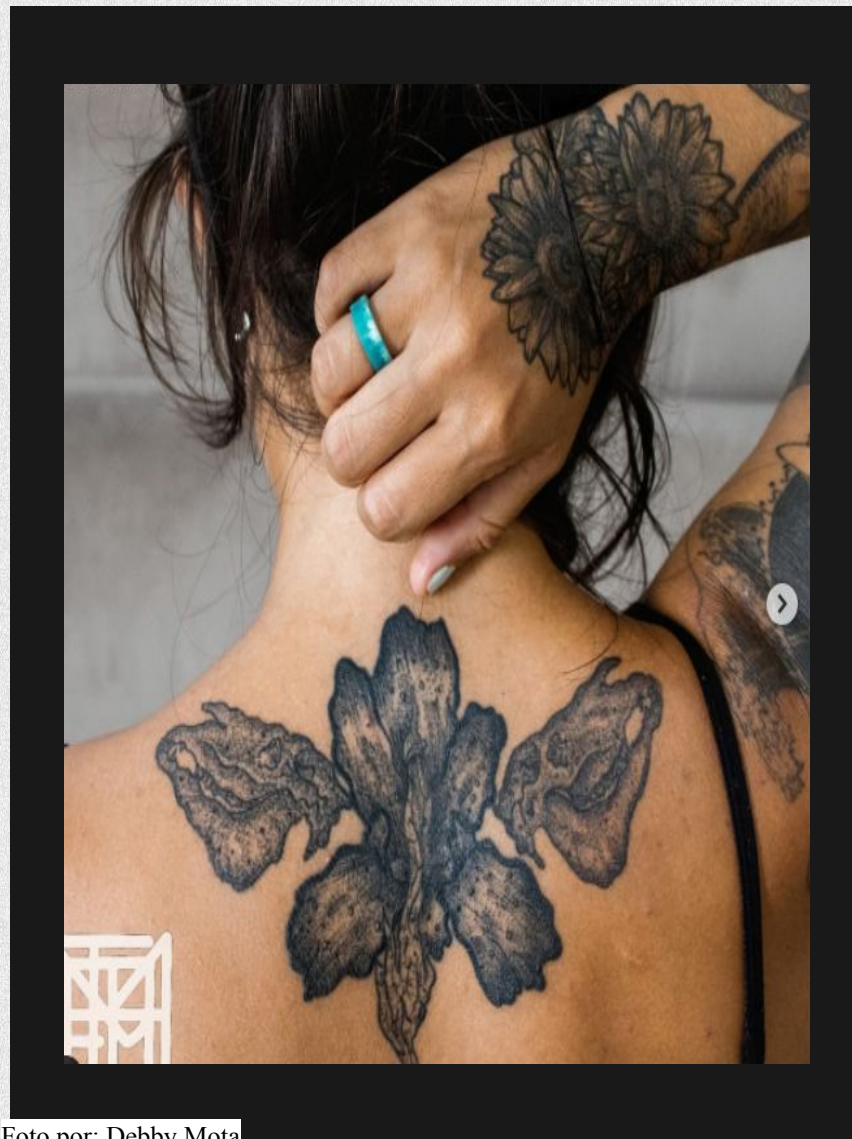


Foto por: Debby Mota

THAMÚ CANDYLUST

@candylust

* São Paulo, SP

* Multiartista

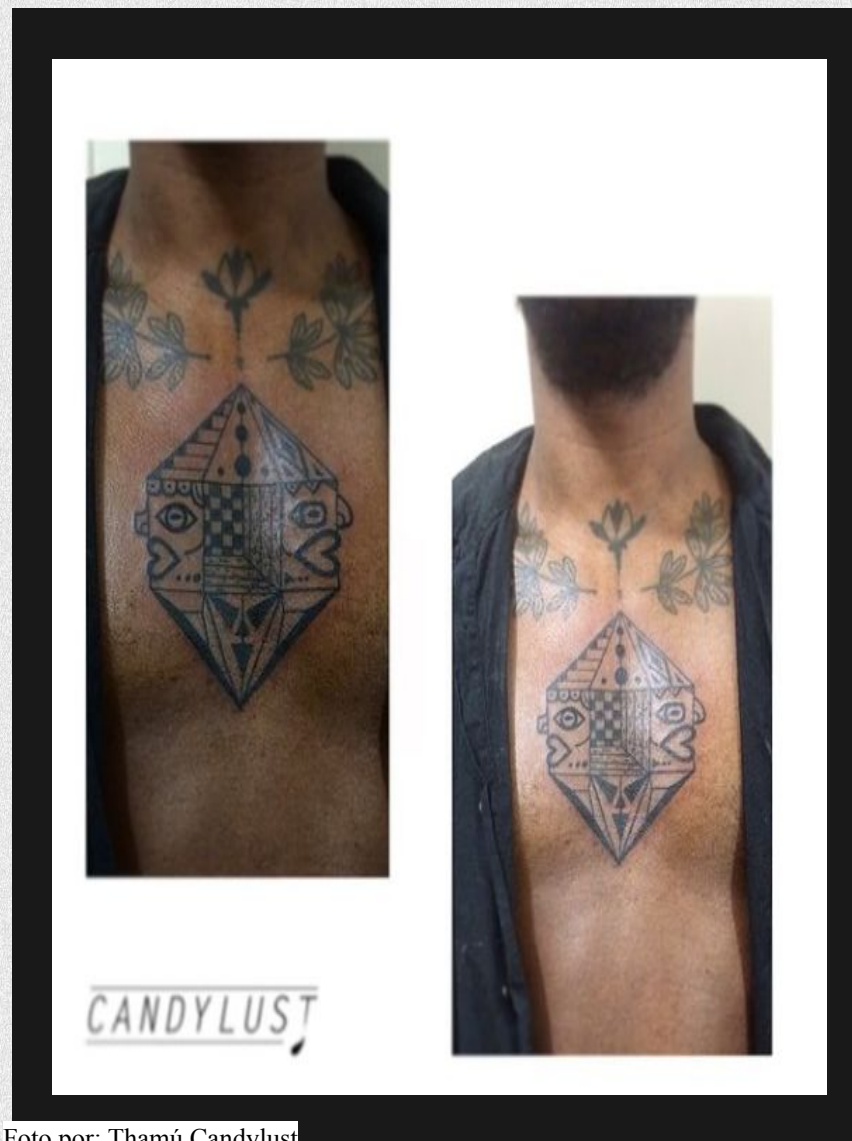
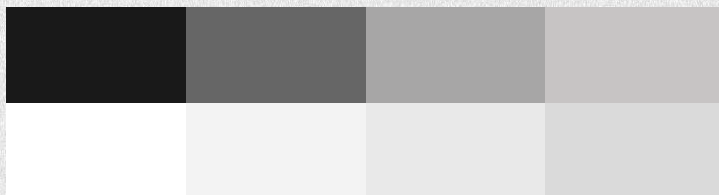


Foto por: Thamú Candylust

LARISSA AZEVEDO

@azevedoink

* Vitória, ES

* Cor em pele negra

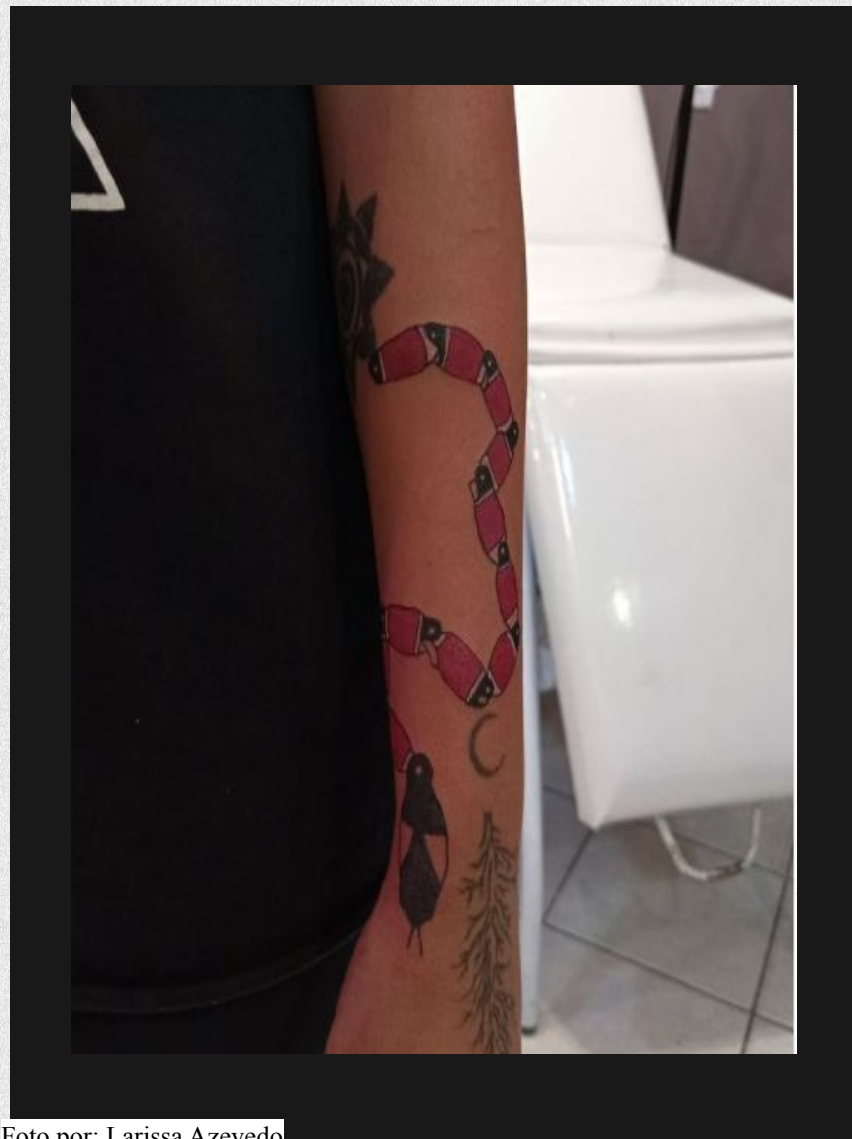


Foto por: Larissa Azevedo

EVE QUEIROZ

@evehandpoke

* São Paulo, SP

* Handpoke, botânica, abstrato

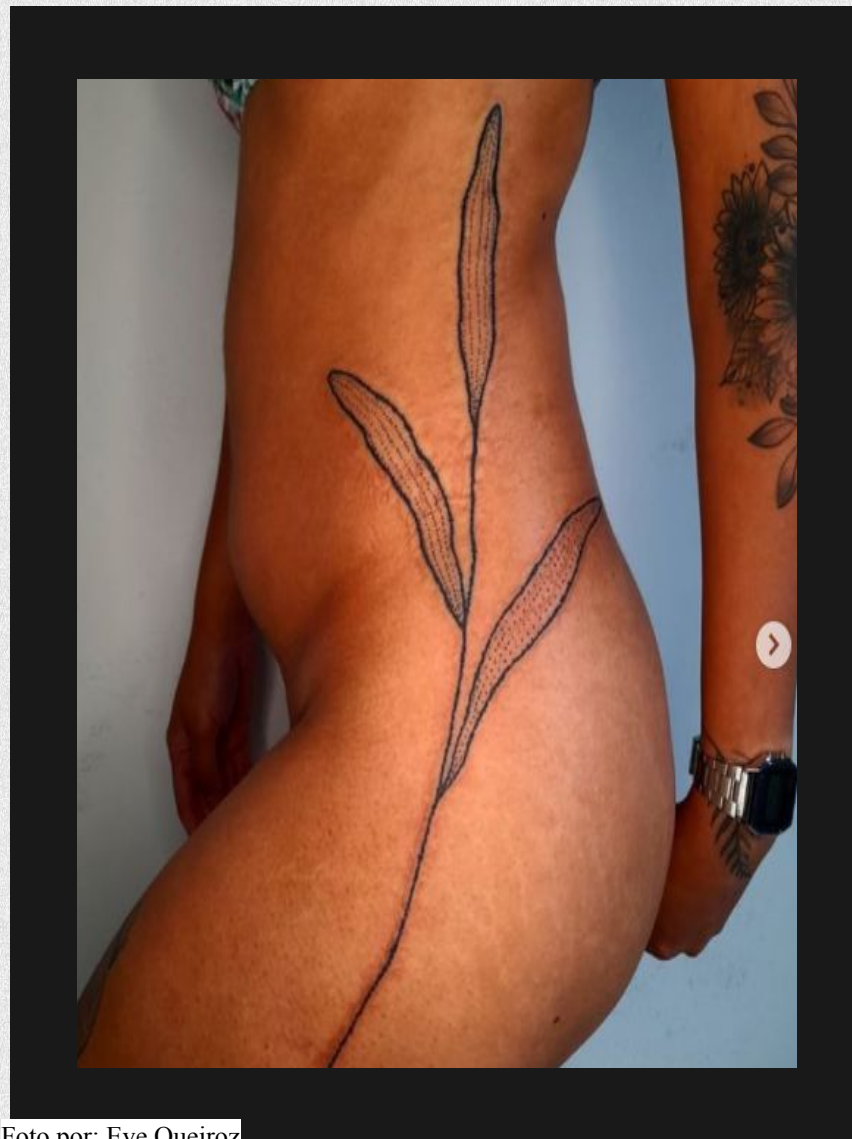


Foto por: Eve Queiroz

VICKY RIBEIRO

@bolchevicky.ttt

* São Paulo, SP

* Multiartista

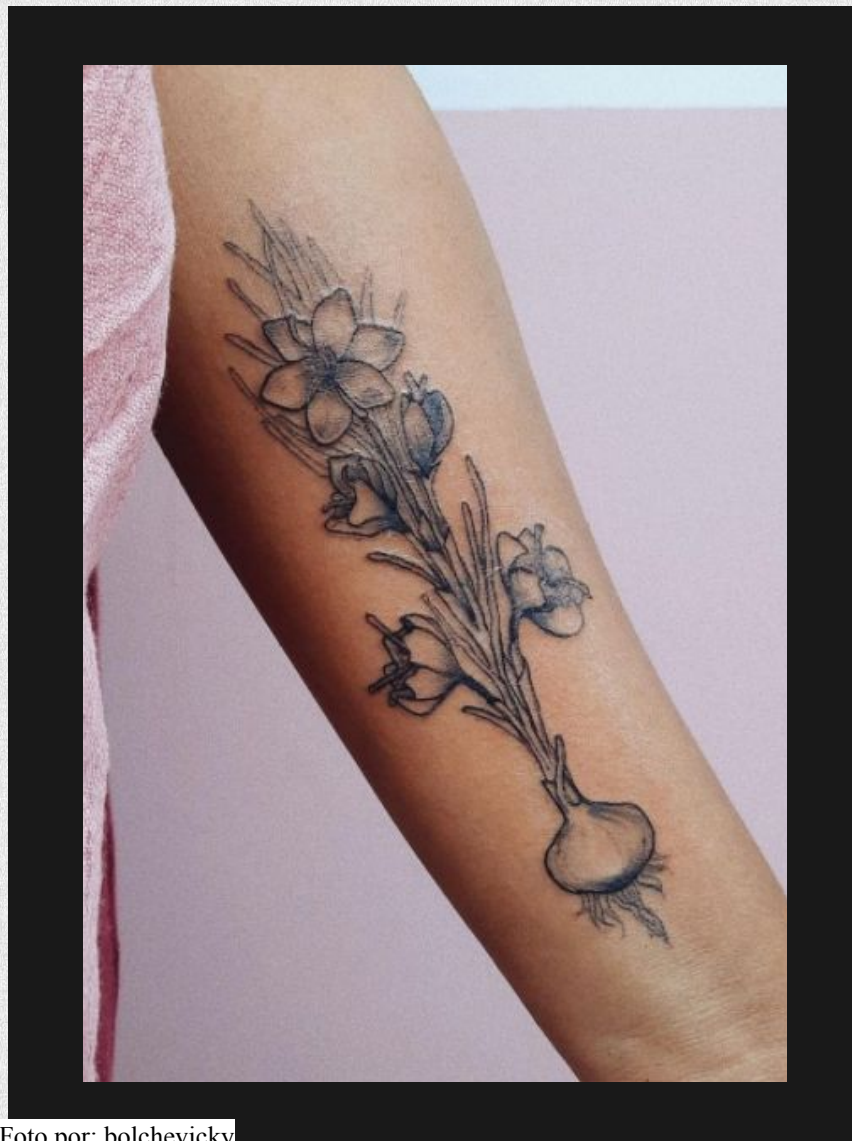


Foto por: bolchevicky

5 Reflexão sobre o amor

Quando adolescente, gostava de escrever sobre o que eu acreditava ser amor; minhas paixões de juventude sempre protagonistas - como eu tinha sido condicionada a acreditar que não era uma mulher e muito menos uma pessoa bonita, sentia que só conseguiria preencher esse vazio do que eu não poderia ser, se eu tornasse tal vazio, um problema para outra pessoa resolver e me mostrar que, sim, eu poderia *ser*. Mas eu nunca cheguei a me tornar real nesses espaços, ou pelo menos me sentir real.

Nesse tempo todo eu só precisava de mim, e entender minha bagunça. Aos poucos fui me cercando de pessoas que realmente me amavam e eu poderia dar todo meu coração para elas também. Aos poucos fui estudando e entendendo o que eu queria da minha vida, e que eu poderia ser e fazer o que eu quisesse. Começar a amar nunca foi fácil, ainda mais a si mesmo, isso entendo neste momento, mas o tempo ajuda a ter jeito na coisa.

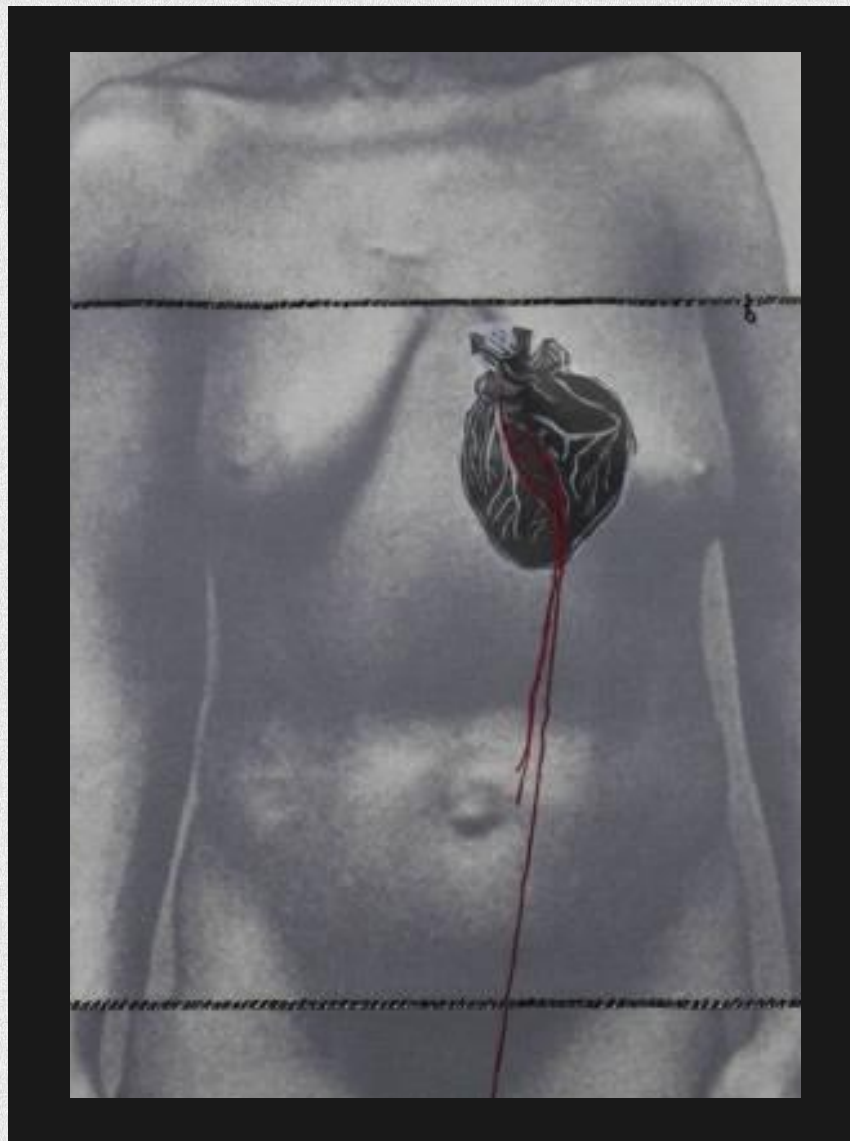
“Eu sempre gosto de frisar isso porque tanto eu encontrei um local de acolhimento quanto eu encontrei pessoas pra poder potencializar, né? Os meus anseios assim quanto artista e quanto potencial pessoa tatuadora, né? E aí já foi desde o início um local assim que eu me senti muito segura pra poder estúdio que eu iniciei como aprendiz eu trabalho ainda lá tô fixa lá agora e aí fui um um rolê assim que eu falo assim pô sei lá eu sou eu sou uma exceção assim grande pelo pelas trocas de ideias que eu já tive com com é um começo muito difícil, né?”

(Iviah Ribeiro. Tatuadora entrevistada. 2021)



Tatuagem que fiz em mim mesma para cobrir minhas cicatrizes. 2020
bolchevicky

PRETO NOBRE



6 Reflexões e hipóteses sobre educação

Durante dois meses no ano de 2021, me vi frequentando as salas de aula de alunos do Fundamental I e II, para cumprir as horas de estágio obrigatório - e para ter conhecimento desse espaço educacional mais popular, chamado escola. Inicialmente, pensei que o processo de acompanhamento das aulas serviria muito como apoio para o desenvolvimento da minha ideia inicial de workshop com tatuagem, e estava esperançosa de conseguir me conectar com os alunos de alguma forma nesse sentido e em outras formas. Porém, o afastamento social que teve duração por quase dois



Pintura com lápis de cor de dois alunos do 7ºB. Emef Tarsila do Amaral, SP. 2021.

Foto: bolchevicky



anos se desmanchou brutalmente: os professores exaustos e desanimados, e os alunos, principalmente os negros, distantes de uma forma que somente um pequeno número permite minha aproximação. Possuem um conhecimento breve e rasa sobre resistência racial, não se identificam como corpos negros e tem dificuldade de pensar referências negras além do Zumbi dos Palmares. Na escola, existem três professoras de Arte e uma delas, é negra; apesar dela ter construído uma autoestima acerca da sua negritude, permanece estática em sala de aula e os alunos fazem as mesmas atividade repetidas vezes - as atividades fornecidas se baseiam somente em colorir desenhos impressos de referências negras padronizadas. Eu vejo o “desinteresse” pela troca devido ao cansaço de ambos os lados, tanto dos professores quanto dos alunos. Sinto palpável a dificuldade de exercer a profissão e aproveitar as aulas sob abandono do Estado - tanto que no período que estive no Estágio, em novembro de 2021, ocorreu um período de greve dos Servidores de Educação na rede municipal, e que os professores desta escola em questão atuaram a favor da greve, o que é muito importante. Uma das outras professoras, só passa texto na lousa e apesar de ser

uma técnica que não me atrai, os alunos se concentram, tiram dúvidas e interagem com a atividade. No entanto, alunos e professora continuam distantes. A última professora em questão da disciplina de Artes, é engajada em tentar se conectar com eles tentando trazer conteúdo relacionado à vivência deles - um exemplo foi que, durante as aulas que acompanhei dessa educadora, ela trouxe o tema ficção científica para debater com os alunos que tipo de conteúdo de cultura de massa que explorava esse assunto; o resultado foi que, apesar de algumas evasões, a maioria da salas conseguiu acompanhar, principalmente os mais velhos que têm entre 14-16 anos. Diante da minha perspectiva, pude acompanhar três métodos pedagógicos distintos, e eu gostei mais da didática em sala da terceira professora comentada.

Agora, sobre os alunos, vejo uma desmotivação coletiva, tanto nesta escola no qual realizei Estágio quanto nas aulas voluntárias que realizo no Cursinho Livre da Lapa desde outubro de 2021: há um enfrentamento coletivo com a dificuldade nos estudos por terem acompanhado quase dois anos de EAD com muitas dificuldades individuais centradas muitas vezes em situações sociais. Por parte, os gestores e os

professores da escola não recebem apoio e ferramentas do Estado - os funcionários estão aguentando mais do que eles podem aguentar - e os alunos não tem um espaço adequadamente mínimo para expressão, ao todo tempo vi um pressão externa, invisível mas quase palpável, de entrega de resultados constantes que desgasta todos ali aos poucos. No entanto, no Cursinho Livre da Lapa, trabalho voluntário com pessoas adultas que buscam crescer de alguma forma através da educação, há a necessidade de sobrevivência que entra em jogo. Os educadores e os alunos estão sobrecarregados, *em todo lugar*. Uma sensação desanimadora de cada vez mais o acesso ao conhecimento se tornar um privilégio e não um direito

“Não é areia, conversa, chaveco
 Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco
 Ser empresário não dá, estudar nem pensar
 Tem que tramar ou ripar para os irmãos sustentar
 Ser criminoso aqui é bem mais prático
 Rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático
 Será instinto ou consciência
 Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência”
 (RACIONAIS MC'S, A Vida É Desafio, 2002)

6.1 Devaneios sobre educação com tatuagem

Apesar de não ter um planejamento concreto e posto em prática sobre didáticas pedagógicas, é válido deixar registrado todas as minhas epifanias sobre educação, tatuagem e como juntar os dois. Durante a minha graduação, cresceu comigo a percepção de como o racismo é um assunto que as pessoas têm medo de conversar. Esta assimilação aconteceu também devido algumas aulas, principalmente nas aulas mais focadas em licenciatura, sempre que houvesse uma exposição relacionada ao racismo, sentia-se este silêncio palpável dos meus colegas de sala de maioria branca. Por outro lado, também não conseguia falar nada, tinha medo de ser condicionada novamente como representante da minha raça e dos meus ancestrais, e realmente sentia medo de falar minhas convicções em público. Hoje eu consigo interpretar o silêncio, vejo como hesitação e medo do racismo. Mas a fala é importante, formular nossos pensamentos é importante; e entendê-los e questioná-los é também. É essencial a existência de diálogo dentro da educação, é preciso acolher e

conversar com esse medo, esse receio, para motivar o fluxo interno de ideias, assim como bell hooks fala em *Ensinando a Transgredir*:

“Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. (...) Quando os professores levam narrativas da sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos. É produtivo, muitas vezes, que os professores sejam os primeiros a correr o risco, levando as narrativas confessionais às discussões acadêmicas para mostrar de que modo a experiência pode iluminar e ampliar nossa compreensão do material acadêmico.” (p.35-36)

Portanto, quero conseguir o objetivo de mostrar de uma forma prática e palpável que racismo não se trata de um fenômeno distante e superficial, e que é possível valorizar o desenho de tatuagem - colorido ou preto e branco - na pele negra e trazer significados potentes e políticos nos corpos.

FAYGA OSTROWER

Meu primeiro contato com esta artista educadora foi em 2018, graças a Feira de Livros da Unesp. Lá, acabei por comprar o livro *Universos da Arte* pela sinopse, que descre-

via brevemente que o conteúdo do livro se tratava da metodologia educacional que Fayga aplicou e desenvolveu para dar uma série de aulas artísticas para proletários, no período da ditadura.

“Como colocar-me diante dos operários a discursar sobre valores espirituais, quando sabia perfeitamente que, para a maioria, a grande e exaustiva tarefa continuava a ser a sobrevivência material? Não seria descaso da minha parte ignorar ou fingir ignorar isso? Diante de problemas de tamanha urgência, a própria sensibilidade pode parecer um aspecto irrelevante da vida. Mas, então, como discutir arte? (...) Em nossa sociedade, a posição diante do fenômeno artístico é, no mínimo, ambivalente, quando não bastante contraditória. Por um lado, reconhece-se a obra de arte, produto do fazer artístico, como algo valioso em termos financeiros; por outros, o fazer artístico em si é considerado inútil, mera diversão ou lazer, terapia talvez, mas nunca trabalho, no sentido da realização de uma necessidade social.” (OSTROWER, Fayga. *Universo da arte*. 2013. p. 23-24)

Algum dia, se minha proposta de curso realmente se concretizar, acredito que as formas das etapas educacionais e as condições estabelecidas pela Fayga serviriam como um começo para mim, ainda mais por ter pouca experiência com a educação artística na prática. Me inspirando na autora, penso em estabelecer imposições básicas como aulas gratuitas, ausência de seleção com base em testes, limites de

peessoas por aula e o material simples e barato de se encontrar - no caso, papel kraft, canetinha, lápis e borracha. Com isso, as aulas também trariam discussões a cerca dos elementos visuais importantes para estrutura do desenho, como linha e superfície, tonalidades e cores primárias, relação das cores quentes e frias; e em paralelo a cada abordagem explicativa sobre os elementos, trazer uma obra como referência e uma atividade prática, para o conteúdo ser absorvido facilmente pelos alunos - aplicar uma educação linear sem a ambivalência negativa/positiva; uma forma de diálogo e abordagem horizontal no aprendizado.

Por outro lado, sem fugir muito dessa proposta, penso também em me reunir com meus colegas tatuadores para trazer essa discussão em forma de exercício. Muito deles me pedem para falar da minha pesquisa, e ainda não sei como: talvez uma oficina pensando o desenho no papel kraft e observando a absorção da tinta no papel para refletir a absorção de diferentes tons na pele negra, pensar em como a forma e as cores podem valorizar o desenho na pele; enfim, exercícios que fujam essencialmente do trabalho da tatuagem em cima da superfície branca.

HELENA OBERSTEINER

O curso intitulado “Desenhos Feios”, proposto pela artista multidisciplinar, “(...) propõe reflexões em torno da ação, evidenciando o desenho como possibilidade investigativa. Compostos por exercícios que compreendem a expansão do conceito de observação”, descreve em seu post no instagram. Além disso, Helena tenta trazer esta visão alternativa do desenho para tatuagem também, desmantelando padrões gráficos.



Aula aberta de modelo vivo, ministrado por Helena Obersteiner. Encerramento do curso Desenhos Feios. Abril de 2019.

ANGÉLICA DASS

Em 2016, eu estava no meu último ano de formação na escola. Tinha 17 anos, e uma de minhas aulas favoritas, era Redação - tanto que Letras se tornou a minha segunda opção de curso - e o professor da disciplina, apesar de ser branco, sempre trazia livros e referências produzidos por pessoas negras; o racismo era um debate constante nas aulas dele. Então, um dia, em uma das suas aulas, ele passou o vídeo da Angélica Dass no TED Talk e me identifiquei com



Angélica Dass, Imagem coletada no site do Humanae. 2019

os desabafos dela quase de imediato, tenho ainda a lembrança vívida de ter segurado o choro diante da certeza que tinha demorado tanto para admitir para mim mesma: sou uma mulher negra, e sofro e sofrerei racismo.

“(...) raça é uma construção social, não existe científica e biologicamente. Então por que a gente continua falando em branco e preto? Por que continuamos ensinando nossas crianças esse conceito de que eu sou negra e o outro é branco? Você aceita – nós aceitamos – que essa construção social seja, todos os dias, reensinada a elas. Isso não significa que nós temos que esquecer o passado, onde se construiu esse conceito de raça, e os impactos dessa construção ainda são muito atuais. Mas alguém sempre pensa que eu sou de uma raça diferente e me trata de maneira inferior. Então a fotografia é só uma desculpa, é o começo de uma conversa que acontece no mundo da arte, no mundo da educação, mas também no meio da rua. Se alguém lhe ofender com preconceito, pegue minhas fotos e mostre a ele. Isso é *Humanae*” (DASS, Angélica. Entrevista realizada pela Fundação Iberê Camargo. 2019)

Angélica Dass é uma fotógrafa carioca que ficou mundialmente conhecida pelo seu projeto Humanae, de acordo com seu site oficial, “é um trabalho fotográfico em andamento, (...) com uma reflexão invulgarmente direta sobre a cor da pele, tentando documentar as verdadeiras cores da

cores da humanidade em vez das etiquetas falsas 'branco', 'vermelho', 'preto' e 'amarelo' associadas à raça". Desta forma, o objetivo da artista é tão potente, que percebi que me inspirar

em seus fundamentos para organizar uma atividade educativa sobre tatuagem acessível a cores de peles diferentes, faria todo o sentido. Então, apesar de não ter informações mais detalhadas dos *workshops* realizados dentro do projeto *Humanae* ao redor do mundo, penso em utilizar a discussão cromática e social dentro do exercício que irei propor. No entanto, apesar de admirar seu projeto e perceber sua importância didática, acredito que não devemos esquecer que as construções de raça existem para fortalecer um sistema vigente, então apesar do projeto *Humanae* ser crucial na construção de autoestima das crianças, nos debates sobre colorismo e entre outras tantas infinitudes, sinto que falta uma força crítica em cima de um problema muito maior.

6.1 Planejamento

Não sei quantas aulas seriam necessárias, mas imagino que cinco aulas seria um bom número. Penso em uma primeira conversa com os alunos sobre diversidade cultural dentro da sala de aula, inspirado pelo capítulo 2, do livro *Ensinando a Transgredir* da bell hooks: "(...) revelar como é profundo o medo de qualquer descentralização das civilizações ocidentais, da cânone do homem branco, seja na realidade um ato de genocídio cultural". Introduzir em seguida a ideia do corpo como intermediário social, de acordo com o sociólogo português, Vitor Sérgio Ferreira (2007, p. 292, apud LOPES, 2002, p. 61) "O corpo permanece, nesta perspectiva, aprisionado pela circularidade da incorporação socialmente determinada. Corpo domesticado, de certa forma. Mas este pode também ser (inter)subjectivamente vívido e agenciado - e, por consequência, analiticamente construído - como lugar de oposição, resistência e emancipação social, nomeadamente quando o indivíduo investe na sua realidade

corpórea de regimes imagéticos e cinéticos que tentam desafiar a ordem corporal e social existente.” Eu entendo deste trecho que o corpo já não nos pertence, e refletindo sobre o capitalismo e o racismo como sua ferramenta, não poderia concordar mais. *Todas as formas de exploração são idênticas*, como diria o Fanon e acredito que uma alternativa, que já vem sendo trabalhada em outras vertentes inclusive nas minhas referências didáticas, é pensar no corpo como suporte do registro do empoderamento.

O essencial para a funcionalidade dessa atividade é o incentivo das múltiplas experiências e personalidades, criando um espaço onde as pessoas se sintam confortáveis para compartilhar seus processos e experiências, indo contra a onipresença de estruturas sociais que separa os indivíduos de forma hierárquica. O trabalho artístico pedagógico realizado pela Angélica Dass, em vários lugares do mundo, tem como elemento principal a visualização de cada indivíduo como único e importante. A artista oferece atividades de auto retrato como intervenção da estética branca sufocante das superfícies de arte: os alunos fazem uma intervenção por completo do papel branco, para trazer cada individualidade à

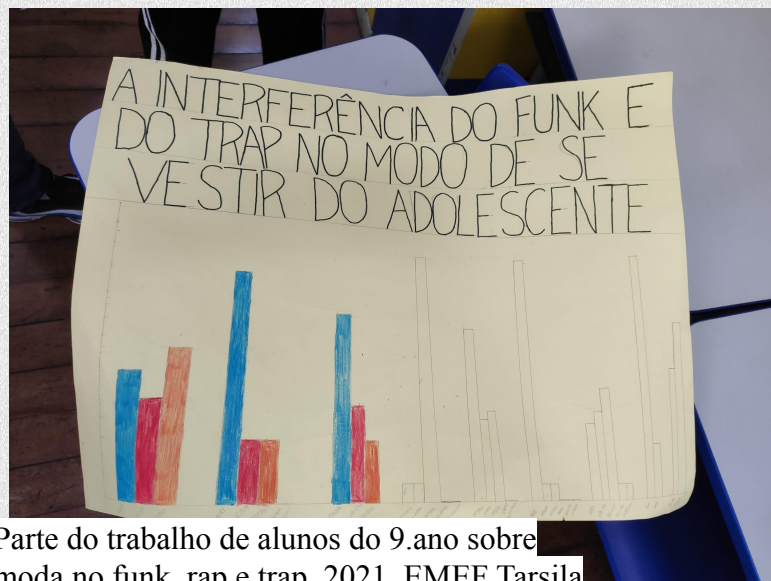


Maquete realizada por alunas para ilustrar a fronteira entre a favela do Paraisópolis e o bairro do Morumbi, 2021. TCA, EMEF Tarsila do Amaral. Foto por bolchevicky



tona. Em minha proposta, busco algo similar. Explicar o contexto histórico e cultural acerca da tatuagem; explicar a apropriação que aconteceu em volta dessa atividade e como as pessoas usam seus corpos para se expressar. Inicialmente planejei algo envolvendo o desenho em papel kraft, simulando a pele negra como superfície e utilizando como materiais, canetinhas hidrográficas que, ao serem absorvidas pelo papel, trazem um resultado semelhante de quando a tatuagem é absorvida pela pele. Depois de algumas leituras, principalmente influenciada pela bell hooks, penso muito so-

-bre uma atividade que envolva o corpo e como os desenhos e as formas podem acontecer de diversas formas, utilizando-se de tintas guaches ou canetinha.



Parte do trabalho de alunos do 9.ano sobre moda no funk, rap e trap. 2021, EMEF Tarsila do Amaral. Foto por bolchevicky



Uma aula organizada pela Angélica na Espanha., na escola Valldaura. Foto retirada do site Humanae

BIBLIOGRAFIA

2000-year-old tattoo needle identified by archaeologists. National Geography, 28 de fevereiro de 2019. Disponível em <https://www.nationalgeographic.com/culture/article/ancient-tattoo-needle-southwest-archaeology>. Acesso em 07 de setembro de 2021.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2018.

AMARAL, Roberta. **Qual a cor da sua pele?** Fundação Iberê Camargo, 29 de abril de 2019. Disponível em <http://iberecamargo.org.br/qual-a-cor-da-sua-pele-angelica-da-ss/>. Acesso em 7 de outubro de 2021.

Arthur Jafa: LOVE IS THE MESSAGE, MESSAGE IS DEATH. 2018, 7 min e 4 segundos. Publicado por Eric Carson. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKWmx0JNmQY>. Acesso em 16 de dezembro de 2020.

CECÍLIO, Camila. **Abandono e evasão escolar: aluno deixa a escola ou a escola se distancia da realidade do aluno?** Nova Escola, 30 de julho de 2019. Disponível em

<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2217/abandono-e-evasao-escolar-estudante-deixa-a-escola-ou-a-escola-se-distancia-da-realidade-do-aluno>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

COELHO, Leonardo. **João Pedro, 14 anos, morre durante ação policial no Rio, e família fica horas sem saber seu paradeiro.** El País, 19 de maio de 2020. Disponível em <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-05-19/jovem-de-14-anos-e-morto-durante-acao-policial-no-rio-e-familia-fica-horas-sem-saber-seu-paradeiro.html>. Acesso em 4 de agosto de 2021

DASS, Angelica. **The beauty of human skin in every color.** Palestra proferida pelo TED Talks. Vancouver, Canadá, fev. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NiMgOkIgeos>. Acesso em 10 de novembro de 2020

DOUGLAS, Emory. **Todo poder ao povo! - Emory Douglas e os Panteras Negras.** São Paulo. Sesc Pinheiros, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: Ed. UFBA, 2008. MONTEIRO, John Manuel.

FERREIRA, Vitor Sergio. **Política do corpo e política da**



vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. Etnográfica - Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Ano XXXII, N. XI, novembro de 2007

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** . Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013. CIPOLLA, Marcelo Brandão

I Am Not Your Negro. Raoul Peck. Produção: Rémi Grellety, Hébert Peck. Local: França, Estados Unidos, Bélgica e Suíça. Magnolia Pictures, Amazon Studios. 2016. Acesso pela televisão, streaming Globoplay.

LEGIÃO URBANA. Clarisse. EMI: 1997. 60:22

O que acontece com quem critica Djamila Ribeiro? Esquerda Diário, 25 de julho de 2020. Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/VIDEO-Leticia-Parks-responde-O-que-acontece-com-quem-critica-a-Djamila-Ribeiro-37571>. Acesso em 30 de agosto de 2021.

OBERSTEINER, Helena. **Aula aberta de modelo vivo.** Curso "Desenhos Feios" 05 de abril de 2019. Disponível em <https://espaco.cc/AULA-ABERTA-DESENHOS-FEIOS>.

Acesso em 07 de outubro de 2021.

Os 100 dias de protesto do movimento Black Lives Matter. Euro News, 6 de setembro de 2020. Disponível em <https://pt.euronews.com/2020/09/06/os-100-dias-de-protesto-do-movimento-black-lives-matter->. Acesso em 4 de agosto de 2021.

ROCHA, Gabriel. **Antirracismo, negritude e universalismo em Pele negra, máscaras brancas de Frantz Fanon.** Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano VIII, N°XV, Agosto de 2015.

SAHÃO, Bruna. **Aspectos sociais da arte na sociedade capitalista: uma reflexão sobre a função social da arte nas relações humanas.** Trabalho de conclusão de curso de Gestão em Projetos Culturais e Produção de Eventos do Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação, ECA-USP, São Paulo. 2014.

Servidores da Educação municipal de SP anunciam greve contra Reforma da Previdência em votação na Câmara. G1 SP, 15 de outubro de 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/15/servidores-da-educacao-municipal-de-sp-anunciam-greve-contr-reforma-da-previdencia-em-votacao-na-camara.ghtml>. Acesso em 8 de dezembro de 2021.

